



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACC

THAINÁ FILGUEIRA MACEDO DE SOUZA

**FELICIDADE NO TRABALHO: UM ESTUDO EM ESCOLAS PÚBLICAS DA
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro – RJ

2018

THAINÁ FILGUEIRA MACEDO DE SOUZA

**FELICIDADE NO TRABALHO: UM ESTUDO EM ESCOLAS PÚBLICAS DA
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ).

Orientador (a): Maria de Fátima Bruno-Faria

Rio de Janeiro – RJ

2018

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é, usando uma medida específica de felicidade, entender o nível médio de felicidade dos funcionários de escolas públicas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, com corte transversal, descritiva, exploratória, cujo procedimento foi de pesquisa com survey. O instrumento usado foi o Questionário Oxford de Felicidade (QOF), dos autores Hills e Argyle (2002). O resultado mostrou que, em média, esses profissionais têm nível de felicidade de 62,86%, sendo que as pessoas em cargos de nível operacional são as que possuem menor índice de felicidade, quando comparado com professores e profissionais do nível estratégico (este último apresentou o maior índice). Também notou-se que os resultados dos professores apresentaram um bom nível de felicidade, contrariando estudos que apontam esse perfil como sendo de alto nível de insatisfação e exaustão. A relevância do estudo pode ser percebida no fato do estudo ter tido a proposta de contribuir para a delimitação conceitual e pelo fato da pesquisa ter sido aplicada com funcionários de escolas públicas – um grupo da sociedade cujo trabalho é reconhecido pela Organização Internacional do Trabalho como um dos que geram menor nível de prazer, bem-estar, saúde mental, satisfação, entre outros termos que até então vinham sendo utilizados como sinônimos de felicidade. Como futuras pesquisas sugere-se a criação de uma medida específica de felicidade no trabalho, tendo em vista que a empregada não contextualizava felicidade. Também, um estudo que correlacione outras variáveis do ambiente de trabalho, como prazer, satisfação e bem-estar, com a felicidade de um indivíduo para verificar o quanto o ambiente de trabalho é capaz de influenciar nesse sentimento. E, como uma última sugestão de trabalhos futuros, um estudo capaz de identificar quais elementos do ambiente de trabalho influenciam nos aspectos positivos e negativos refletidos no nível de felicidade de um indivíduo.

Palavras-chave: Felicidade no Trabalho; Escolas Públicas; Rio de Janeiro.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos nacionais sobre felicidade no trabalho.	10
Quadro 2. Estudos sobre felicidade no trabalho referenciados nas produções nacionais encontradas	11
Quadro 3. Estudos internacionais sobre felicidade no trabalho encontrados em bases de Administração e Psicologia Organizacional e do Trabalho.....	12
Quadro 4. Estudos nacionais sobre escolas públicas no Brasil encontrados em busca no Google Acadêmico	12

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Perspectiva Integrada dos Antecedentes da Felicidade no Trabalho e Comportamentos Derivados.	14
Figura 2 – Dados demográficos dos profissionais de escolas públicas que responderam à pesquisa	20
Figura 3 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas do gênero feminino	23
Figura 4 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas do gênero masculino	24
Figura 5 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com a faixa etária	24
Figura 6 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com o estado civil	27
Figura 7 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com as zonas onde vivem	30
Figura 8 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com as funções que exercem	32
Figura 9 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com o tempo de trabalho	34
Figura 10 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com a carga horária de trabalho	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação entre o nível de felicidade dos respondentes e os dados demográficos	40
Tabela 2 – Média do nível de felicidade coletado em cada afirmação	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1 Problema da Pesquisa	07
1.2 Objetivos	09
1.2.1 Objetivo Geral.....	09
1.2.2 Objetivos Específicos.....	09
1.3 Justificativa	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 Método do levantamento bibliográfico para o Referencial Teórico	10
2.2 Referencial Teórico	13
2.2.1 A discussão sobre o conceito de felicidade de trabalho.....	13
2.2.2 A felicidade no trabalho sob a ótica empresarial	15
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	18
3.1 Tipo de pesquisa.....	18
3.2 População e Amostra.....	18
3.3 Instrumento	18
3.4 Procedimentos de coleta e análise de dados	19
4. RESULTADOS	20
4.1 Características Demográficas	20
4.1.1 Gênero.....	23
4.1.2 Faixa Etária	24
4.1.3 Estado Civil.....	27
4.1.4 Zonas do Rio de Janeiro	29
4.1.5 Funções	32
4.1.6 Tempo de Trabalho	34
4.1.7 Carga Horária de Trabalho.....	37
4.2 Nível de Felicidade	39
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	44
6. CONCLUSÕES	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO I.....	52

1. INTRODUÇÃO

1.1 Problema da Pesquisa

Felicidade no trabalho é um conceito ainda em construção nas produções científicas. Em estudo feito por Sender e Fleck (2017) fica evidenciada a dificuldade que existe em encontrar na literatura uma definição e medida sobre o conceito de felicidade no trabalho.

De acordo com o levantamento bibliográfico feito por Sender e Fleck (2017), os termos mais utilizados, ligados à felicidade no trabalho, em ordem decrescente, são: satisfação, bem-estar, comprometimento, engajamento, motivação, envolvimento e estado de fluxo. Alguns autores como Ferreira, Silva e Almeida (2008), Soraggi e Paschoal (2011) e Rocha e Porto (2012) se apoiam no conceito de felicidade como sinônimo de bem-estar com base na psicologia positiva que enfatiza os aspectos positivos da experiência do trabalhador ou seguindo a corrente hedônica que considera bem-estar como sinônimo de prazer e felicidade.

Pouco se discute sobre a diferença entre esses conceitos que, para muitos autores, são considerados como sinônimos. Albuquerque e Tróccoli (2004) defendem a ideia de que saúde mental é apenas um aspecto do bem-estar psicológico.

Além disso, enquanto no meio acadêmico já é possível encontrar estudos que demonstram uma preocupação em entender, por exemplo, a felicidade, o bem-estar ou a satisfação no trabalho, fora desse meio o discurso é quase contraditório e adverso. Algumas pessoas acreditam que felicidade e trabalho não têm qualquer relação, afirmando inclusive que feliz é quem não trabalha (BENDASSOLLI, 2007). Esse pensamento se torna compreensível sob a ótica de que organizações não podem oferecer mais do que um contrato de troca (BENDASSOLLI, 2007).

Torna-se notória a controvertida relação entre felicidade e trabalho. Entretanto, é necessário considerar a presença cada vez mais forte da Geração Y no mercado de trabalho e suas idealizações. Essa geração traz em seus discursos o desejo de um ambiente de trabalho que lhes proporcione experiências gratificantes, prazerosas e que despertem sentimento de liberdade, satisfação e equilíbrio entre vida profissional e pessoal (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012). A alta idealização dessa geração confrontada com uma distante realidade pode gerar frustração e diminuição do comprometimento.

Às organizações que desejam continuar se beneficiando dessa relação de troca é fundamental que se preocupem com o assunto felicidade. Para Sender e Fleck (2017), o investimento em felicidade no ambiente de trabalho implica na redução do absenteísmo, do *turnover* e dos acidentes, e no aumento da lucratividade, produtividade/desempenho, qualidade do serviço, satisfação do cliente, saúde do indivíduo e vendas.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (1984), a profissão dos docentes é uma das mais ameaçadas pelo risco de esgotamento físico e mental. Tendo em vista a gravidade do assunto é de extrema importância que sejam evidenciados os níveis de felicidade no ambiente das escolas e, em seguida, outras pesquisas se proponham em identificar os fatores negativos e positivos que explicam o resultado encontrado. Isso irá ajudar esse tipo de organização a propor práticas que melhorem a experiência dos seus funcionários dentro do ambiente de trabalho.

Apesar da ausência de estudos nacionais sobre a felicidade no trabalho em escolas públicas, outros estudos com assuntos como saúde mental e bem-estar em professores de escolas públicas que são mais comuns no meio acadêmico no Brasil.

Carlotto (2011) verificou que professores de escola pública apresentam elevado grau de exaustão emocional. Já Lopes e Pontes (2009) e Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) focaram na comparação entre docentes de escolas públicas e privadas, constatando que os de escolas públicas apresentavam maior grau de exaustão emocional e menor realização e satisfação profissional.

A prevenção e a erradicação desse cenário em professores deve ser uma ação conjunta entre professores, alunos, instituição de ensino e sociedade (CARLOTTO, 2002). Sabendo do cenário de maior gravidade na atuação dos docentes em escolas públicas e a necessidade de haver uma solução que impacte a todos que atuam nesse meio e não apenas os professores, o presente estudo buscou pesquisar todos os funcionários de escola públicas localizadas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Após todas essas reflexões, o presente estudo foi construído tendo em mente a seguinte problemática: Qual o nível médio de felicidade dos funcionários de escolas públicas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro?

1.2 Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

O objetivo principal desta pesquisa é descrever o nível médio de felicidade dos funcionários de escolas públicas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

1.2.2 Objetivos Específicos

São objetivos específicos:

- Verificar se professores possuem um nível de felicidade inferior ou superior às demais funções;
- Identificar se existe alguma variação no nível de felicidade dentro dos subgrupos demográficos (idade, gênero, estado civil, local onde vivem, função que exercem, tempo de empresa e jornada de trabalho); e
- Comparar o nível de felicidade dos professores com outros estudos que avaliam o nível de satisfação e exaustão dos docentes de escolas públicas.

1.3 Justificativas

Esse estudo busca usar o Questionário Oxford de Felicidade, revalidado por Hills e Argyle (2002). Este foi traduzido para a realidade brasileira e aplicado no ambiente de trabalho, para entender o nível de felicidade dos funcionários de escolas públicas localizadas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A escolha do questionário se deu sobre o fato desta ter sido a única medida identificada com tal finalidade na literatura revisada.

A relevância do estudo pode ser percebida: (a) através da decisão de estudar sobre felicidade no trabalho, com a proposta de contribuir para a delimitação conceitual e (b) através da realização da pesquisa com funcionários de escolas públicas – um grupo da sociedade cujo trabalho é reconhecido como um dos que geram menor nível de prazer, bem-estar, saúde mental, satisfação, entre outros termos que até então vinham sendo utilizados

como sinônimos de felicidade e que em breve será formado por uma grande massa de trabalhadores de uma geração cheia de idealizações, como é caracterizada a geração Y.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Método do levantamento bibliográfico para o Referencial Teórico

Para entender o que vinha sendo discutido sobre felicidade no trabalho, foi iniciada uma busca pelas produções nacionais sobre o tema. A busca foi feita nas bibliotecas eletrônicas Pepsic, Scielo e Spell, escolhidas por conterem grande número de produções nacionais nas áreas de Administração e Psicologia. Nas bases, utilizou-se como critério de busca as palavras “felicidade” e “trabalho”, no campo “palavra-chave” ou “assunto” (este segundo foi usado quando a base não disponibilizava a opção de busca por palavra-chave), usando o conector “AND” para combinar as palavras e filtrando os resultados para que mostrassem apenas os artigos científicos revisados por pares. Optou-se por não definir limite temporal para que fosse encontrado o máximo de estudos possíveis acerca do tema. O resultado pode ser visto no Quadro 1, com os nomes dos autores que produziram esses materiais e ano de publicação, as bibliotecas eletrônicas onde fizeram suas publicações e a Classificação Qualis Capes de Periódicos do Quadriênio 2013-2016 (a mais recente disponível na plataforma) referente ao periódico onde o estudo pode ser encontrado.

Quadro 1 - Estudos nacionais sobre felicidade no trabalho.

Biblioteca Eletrônica	Autor (ano)	Classificação Qualis Capes
PEPSIC	Silva e Tolfo (2012)	B1
	Soraggi e Paschoal (2011)	B2
SCIELO	Sender e Fleck (2017)	A2
	Sant'anna e Paschoal (2012)	A2
	Rocha e Porto (2012)	A2
SPELL	Sewaybricker (2010)	B1
	Vasconcelos (2004)	B1

Fonte: elaborado pela autora.

A busca trouxe sete resultados, sendo a produção de Sewaybricker (2010) desconsiderada porque seu objetivo era identificar as transformações da ética desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Totalizando seis produções nacionais. Vale ressaltar que com exceção do estudo de Soraggi e Paschoal (2011), todos os outros foram publicados em

periódicos com algum fator de impacto, segundo a Classificação Qualis Capes do quadriênio 2013-2016.

Oberserva-se também que, dentre os seis estudos elegíveis para o tema desta pesquisa, quatro foram feitos entre os anos de 2011 e 2012, um no ano de 2017 e um no ano de 2004. Isso demonstra como o estudo sobre o assunto no país é recente e, ainda assim, espaçado. Também é preciso destacar que dentre os artigos encontrados, apenas dois (VASCONCELOS, 2004; SENDER; FLECK, 2017) utilizavam o conceito de felicidade sem fazer relação com algum outro conceito já existente, como o de bem-estar, por exemplo, reforçando a escassez de estudos sobre o assunto percebida por Sender e Fleck (2017).

Após encontrados os resultados, foi feita a leitura dos seis artigos, levantando a bibliografia referenciada que de fato tratava sobre felicidade no trabalho. No Quadro 2, a seguir, encontra-se o resultado encontrado com os nomes dos autores que produziram esses materiais e ano de publicação, descrevendo se o mesmo se refere a uma produção nacional ou internacional e a Classificação Qualis Capes de Periódicos do Quadriênio 2013-2016 (a mais recente disponível na plataforma) nos casos nacionais e Classificação do Journal Citation Reports (JCR) nos casos internacionais, que avaliam o fator de impacto dos periódicos onde determinado estudo pode ser encontrado.

Quadro 2. Estudos sobre felicidade no trabalho referenciados nas produções nacionais encontradas

	Autor (ano)	Classificação Qualis Capes / JCR
Nacional	Ferreira; Silva; Fernandes; e Almeida (2008)	B2
Nacional	Paschoal e Tamayo (2008)	B1
Nacional	Siqueira e Padovam (2008)	B1
Nacional	Albuquerque e Tróccoli (2004)	B1
Internacional	Fischer (2010)	6,5
Internacional	Spicer e Cederstrom (2015)	4,4

Fonte: elaborado pela autora.

Esse levantamento gerou oito resultados, dentre os quais dois eram produções internacionais e quatro nacionais. Cinco deles possuíam algum fator de impacto e apenas o de Ferreira, Silva e Almeida (2008) obteve classificação B2. O fator de impacto dos estudos sobre felicidade encontrados e descritos nos Quadros 1 e 2 reforçam a relevância dos materiais usados para referenciar teoricamente o presente estudo.

A busca por artigos de felicidade no trabalho, por fim, também foi feita nas bibliotecas eletrônicas APA, Science Direct, Scopus, Web of Science, SAGE, Emerald, e EBSCO. Estas foram escolhidas por conterem grande número de produções científicas internacionais nas

áreas de Administração e de Psicologia Organizacional e do Trabalho, segundo a Plataforma de Periódicos CAPES.

Nessas bases, utilizou-se como critério de busca as palavras “*happiness*” e “*work*”, no campo “palavra-chave” ou “assunto” (este segundo foi usado quando a base não disponibilizava a opção de busca por palavra-chave), usando o conector “AND” para combinar as palavras e filtrando os resultados para que mostrassem apenas os artigos revisados por pares. Optou-se por não definir limite temporal para que fosse encontrado o máximo de estudos possível acerca do tema. Nas bases que permitiam filtro dos resultados pela área de conhecimento, foram identificadas as produções que tinham relação com a área de Administração e de Psicologia Organizacional e do Trabalho.

Foi feita a leitura do resumo de cada um dos artigos encontrados para selecionar apenas os que tratavam especificamente de felicidade. O resultado foi igual a 18 artigos, dentre os quais apenas seis foram utilizados no presente estudo porque eram os únicos que permitiam acesso gratuito a todo seu conteúdo. Esses artigos utilizados no estudo estão descritos no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3. Estudos internacionais sobre felicidade no trabalho encontrados em bases de Administração e Psicologia Organizacional e do Trabalho

Base	Autor (ano)	Classificação Capes / JCR	Qualis
APA	Lyubomirsky; Sheldon; e Schkade (2005)	2,32	
Science Direct	Hills e Argyle (2002)	1,97	
SAGE	Boehm e Lyubomirsky (2008)	1,63	
SAGE	Jenkins e Delbridge (2013)	2,70	
EBSCO	Walsh; Boehm; e Lyubomirsky (2018)	1,63	
EBSCO	Pendse e Ruikar (2013)	1,40	

Fonte: elaborado pela autora.

Dentre os estudos mencionados no Quadro 3, vale destacar o de Hills e Argyle (2002), cujo Questionário foi escolhido para ser aplicado nesse estudo.

Por último, para encontrar estudos sobre escolas públicas do Brasil, foi utilizado o Google Acadêmico em pesquisas pontuais. As buscas consistiam na combinação das palavras “escola pública” e outros termos comumente associados ao estudo da felicidade, são eles: “bem-estar”, “satisfação”, “*burnout*” e “estresse”. A combinação foi feita usando o conector “AND” entre os termos. Os resultados encontrados estão listados no Quadro 4.

Quadro 4. Estudos nacionais sobre escolas públicas no Brasil encontrados em busca no Google Acadêmico

Autor (ano)	Classificação Capes / JCR	Qualis
-------------	------------------------------	--------

Carlotto (2002)	A1
Carlotto (2011)	A1
Carlotto e Câmara (2008)	-
Carlotto e Palazzo (2006)	-
Esteves-Ferreira, Santos e Rigolonm (2014)	A2
Lopes e Pontes (2009)	-
Rabelo e Martins (2010)	-

Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisa resultou em sete artigos, sendo todos eles referentes à estudos sobre professores de escolas públicas. Considerando as palavras usadas na busca, não foram encontrados estudos que discutiam sobre os outros profissionais de escolas públicas. Além disso, vale destacar que cinco desses resultados tratavam sobre a temática de síndrome de *burnout* em professores.

2.2 Referencial Teórico

2.2.1 A discussão sobre o conceito de felicidade no trabalho

No Brasil, pesquisadores estudam a felicidade no trabalho tendo como base a abordagem hedônica de felicidade, ou seja, consideram bem-estar como sinônimo de felicidade. Outros fazem aproximação de conceito – como por exemplo o conceito de qualidade de vida – com base no senso comum (ALBUQUERQUE; TRÓCOLLI, 2004). Dentre os 12 estudos nacionais encontrados na pesquisa, nove utilizavam esse conceito para o tema.

Já nos estudos internacionais, observou-se uma predominância do afeto positivo como forma de se explicar a felicidade no trabalho. Em outras palavras, alguém que frequentemente experimenta emoções positivas tende a ser mais feliz (BOEHM; LYUBOMIRSKY, 2008). Dos oito estudos internacionais encontrados, cinco abordavam a felicidade sob esta ótica.

De acordo com o levantamento bibliográfico feito por Sender e Fleck (2017), os termos mais utilizados, ligados à felicidade no trabalho, em ordem decrescente, são: satisfação, bem-estar, comprometimento, engajamento, motivação, envolvimento e estado de fluxo.

É possível observar que diversos autores usam seus estudos para validar a relação entre Felicidade no Trabalho e outros conceitos correlatos como Qualidade de Vida no Trabalho (SILVA; TOLFO, 2012), Bem-estar no Trabalho (SORAGGI; PASCHOAL, 2011;

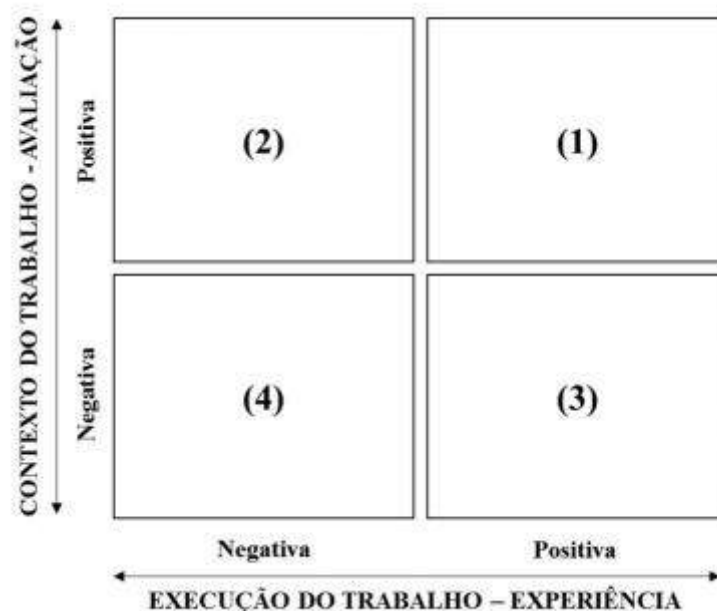
SANT'ANNA; PASCHOAL; GOSENDO, 2012; ROCHA; PORTO, 2012), Liderança (SANT'ANNA; PASCHOAL; GOSENDO, 2012) e Suporte Organizacional (SANT'ANNA; PASCHOAL; GOSENDO, 2012).

Entretanto, nos estudos nacionais, foram encontradas duas proposições de modelo de Felicidade no Trabalho.

O primeiro foi proposto por Vasconcelos (2004). Com base em diferentes conceitos de felicidade no trabalho, o autor construiu um modelo teórico da felicidade no trabalho com variáveis que julga fundamentais para isso, são elas: satisfação, confiança, lealdade, liderança, humanismo e valores.

O segundo foi a dimensão de “Perspectiva Integrada dos Antecedentes da Felicidade no Trabalho e Comportamentos Derivados” proposta por Sender e Fleck (2017) como uma forma de integrar a percepção individual com a da organização. A perspectiva é retratada em uma matriz, onde o eixo vertical representa a avaliação do contexto do trabalho (pode ser positiva ou negativa) e o eixo horizontal a experiência de execução do trabalho (pode ser positiva ou negativa).

Figura 1. Perspectiva Integrada dos Antecedentes da Felicidade no Trabalho e Comportamentos Derivados.



Fonte: Sender e Fleck (2017)

O resultado pode mostrar que a pessoa está num quadrante feliz (1), infeliz (4) ou intermediário (2 e 3).

Apesar dos diversos estudos que discutem sobre essa ausência de definição clara sobre o conceito de felicidade no trabalho e no avanço do tema ao longo do tempo, a verdade é que ninguém sabe o que é felicidade no trabalho ou como medi-la (SPICER; CEDERSTROM, 2015). A felicidade é um estado emocional que pode flutuar com os eventos da vida e, como tal, é frequentemente experimentado como uma emoção transitória (JENKINS; DELBRIDGE, 2013), o que dificulta ainda mais a criação de uma definição ou construção de uma medida, por exemplo. Essa lacuna que existe no tema dificulta a identificação dos fatores que precedem a felicidade.

Apesar disso, autores como Sender e Fleck (2017) e Fischer (2010) apresentam características que antecedem a felicidade. As primeiras mostram as características no nível individual e organizacional enquanto a segunda tem foco em eventos e, também, no nível individual.

Para Sender e Fleck (2017), no nível individual, são consideradas a Teoria das Necessidades, a Teoria da Motivação-Higiene, a Psicodinâmica do Trabalho, a Psicologia Positiva e a Economia da Felicidade. Já no nível organizacional, as autoras consideram a Qualidade de Vida Total, Suporte Organizacional Percebido, o Modelo das Características da Função, o Modelo Demanda-Controle da Função e o Suporte Social. A conexão entre esses dois níveis é enxergada através dos modelos pessoa-organização, pessoa-trabalho, pessoa-grupo, pessoa-vocação e pessoa-cultura.

Para Fischer (2010), no local de trabalho, a felicidade é influenciada por eventos de curta duração e condições crônicas na tarefa, no trabalho e na organização. Já no nível individual, o autor considera que os atributos estáveis de indivíduos, como personalidade, bem como o ajuste entre o que o trabalho / organização proporciona e as expectativas, necessidades e preferências do indivíduo, são o que despertam esse sentimento de felicidade.

Com o intuito de atender ao objetivo geral, este estudo optou por empregar o Questionário Oxford de Felicidade (revalidado por HILLS; ARGYLE, 2002), uma vez que foi o único questionário específico de felicidade pessoal encontrado.

2.2.2 A felicidade no trabalho sob a ótica empresarial

É perceptível como as relações de emprego estão mudando e como a importância de ajudar os funcionários a serem felizes no trabalho pode estar aumentando (FISCHER, 2010),

seja com o objetivo de gerar competitividade (PASCHOAL; TAMAYO, 2008) ou de aumentar a produtividade (SPICER; CEDERSTROM, 2015). Além disso, o contexto de trabalho se apresenta como um lugar privilegiado de emoções e, fundamentalmente, de realização e de construção da felicidade pessoal (PASCHOAL; TAMAYO, 2008).

Apesar da ausência de definição clara sobre o tema deste estudo mencionada anteriormente, Spicer e Cederstrom (2015) afirmam que empregados felizes têm menos probabilidade de sair, são mais propensos a satisfazerem os clientes, a se envolverem em comportamento de cidadania e são mais seguros.

Lyubormirsky em diferentes estudos comprova que a felicidade vem sendo associada à evidência de sucesso no local de trabalho (LYUBOMIRSKY; SHELDON; SCHKADE, 2005; BOEHM; LYUBOMIRSKY, 2008; WALSH, BOEHM; LYUBOMIRSKY, 2018). É importante ressaltar que esse sucesso é percebido por cada um de acordo com seus valores e interesses (LYUBOMIRSKY; SHELDON; SCHKADE, 2005). Também que funcionários felizes estão mais satisfeitos com seus empregos, demonstram desempenho superior no local de trabalho e são mais propensos a se engajar em comportamentos extras (BOEHM; LYUBOMIRSKY, 2008).

Sob outra ótica, o Instituto *The Great Place to Work* (tradução: Melhores Empresas para Trabalhar; disponível em: <http://www.greatplacetowork.com>) afirma que as pessoas mais felizes no trabalho são aquelas que acreditam e se orgulham do seu trabalho e também as que gostam das pessoas com quem trabalham. Fischer (2010) também traz outros fatores que ocasionam e tornam explícitas a felicidade nas empresas: igualdade, realização, camaradagem, clima e liderança.

Todas essas características auxiliam as empresas a enxergarem a importância de dar atenção ao tema. Porém, essa forma das empresas encararem a importância de se investir em felicidade só corrobora com a afirmação de Bendassolli (2007) de que as organizações sempre vão trabalhar com base em um contrato de troca que, nesse caso, promove a felicidade em troca de uma série de benefícios consequentes disso, como por exemplo a melhoria nos indicadores de *turnover*, produtividade e engajamento. Em diversos casos, a verdade é que quando uma empresa está investindo na felicidade da sua equipe, ela só está mascarando seu real cenário, como, por exemplo, um com muitos conflitos políticos (SPICER; CEDERSTROM, 2015).

As organizações deveriam valorizar a felicidade dos funcionários e criar estações de trabalho onde os funcionários, como seres humanos, possam experimentar pura felicidade incondicional (PENDSE; RUIKAR, 2013).

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Foi feita uma pesquisa quantitativa, com corte transversal, descritiva, exploratória, cujo procedimento foi de pesquisa com *survey*.

3.2 População e Amostra

A população escolhida para aplicação da pesquisa foi a de profissionais que, independentemente da função que exerciam, trabalhavam em escolas públicas localizadas na região metropolitana do Rio de Janeiro. A decisão foi feita pela relevância de entender o nível de felicidade de professores e demais profissionais que atuam em escolas públicas porque estes, segundo a Organização Internacional do Trabalho (1984), são os mais propensos a desenvolver *burnout* e, também, pela facilidade de obtenção dos dados.

A população da pesquisa foi composta por 430 profissionais de dez escolas localizadas na região metropolitana do Rio de Janeiro. O número de respostas coletadas foi de 167, de modo que a amostra coletada representa um Índice de Confiança de 90% e um erro amostral de 5%.

3.3 Instrumento

Após revisão feita acerca do tema, o presente estudo buscou utilizar uma medida que fosse específica de felicidade. Por este motivo, optou-se por usar o Questionário Oxford de Felicidade (QOF), revalidada pelos autores Hills e Argyle (2002). Para aplicação do instrumento com brasileiros foi necessária a aplicação da técnica de retrotradução do inglês para o português. Para isso, uma pessoa ficou responsável por traduzir o texto do inglês para o português e a outra por retrotraduzir esse texto do português para o inglês. Ao final, as duas discutiram sobre os pontos de divergência do texto original em inglês e do texto retrotraduzido, concluindo qual seria a melhor tradução para o português, considerando a realidade brasileira e a necessidade de se manter fiel ao conteúdo original.

O instrumento é composto de 29 afirmações, dentre as quais doze são afirmações negativas e as demais positivas. Os respondentes deveriam indicar o quanto concordam ou discordam de cada uma das frases através de uma Escala Likert. O autor sugere que seja empregada a Escala Likert de seis pontos mas para este estudo optou-se por usar a Escala Likert de cinco pontos (1= discordo totalmente e 5= concordo totalmente), assim o indivíduo

tem a possibilidade de se manter neutro a alguma afirmação. No Anexo 1 encontra-se o questionário traduzido.

O questionário também incluiu oito questões demográficas. As perguntas tinham o objetivo de identificar as seguintes informações dos respondentes: gênero, faixa etária, estado civil, zona onde viviam (com perguntas sobre a cidade e bairro onde a pessoa reside), função que exerciam, carga horária de trabalho e há quanto tempo trabalhavam na escola.

3.4 Procedimentos de coleta e de análise de dados

A pesquisa foi disponibilizada em plataforma online (Formulário do Google) e os 430 profissionais que constituíam a população puderam acessar o formulário através do compartilhamento do seu link pelos diretores/coordenadores das suas respectivas escolas. Estes também foram os responsáveis por autorizar a aplicação do questionário.

Para o cálculo do nível de felicidade, Hills e Argyle (2002) orientam que seja feita a soma da pontuação que é marcada pelo indivíduo na escala Likert. As afirmações positivas são pontuadas com o valor exato que foi marcado pelo indivíduo na escala. Já as negativas são pontuadas com o valor contrário. Sendo assim, o nível de felicidade de uma pessoa, nesse instrumento, pode chegar a uma pontuação máxima de 145 (considerando que o indivíduo pontuou todas as afirmativas com o valor cinco) e mínima de 29 (considerando que o indivíduo pontuou todas as afirmativas com o valor 1). Por meio desta pontuação foi feita a comparação do nível de felicidade entre as diferentes funções exercidas e também entre os subgrupos demográficos.

4. RESULTADOS

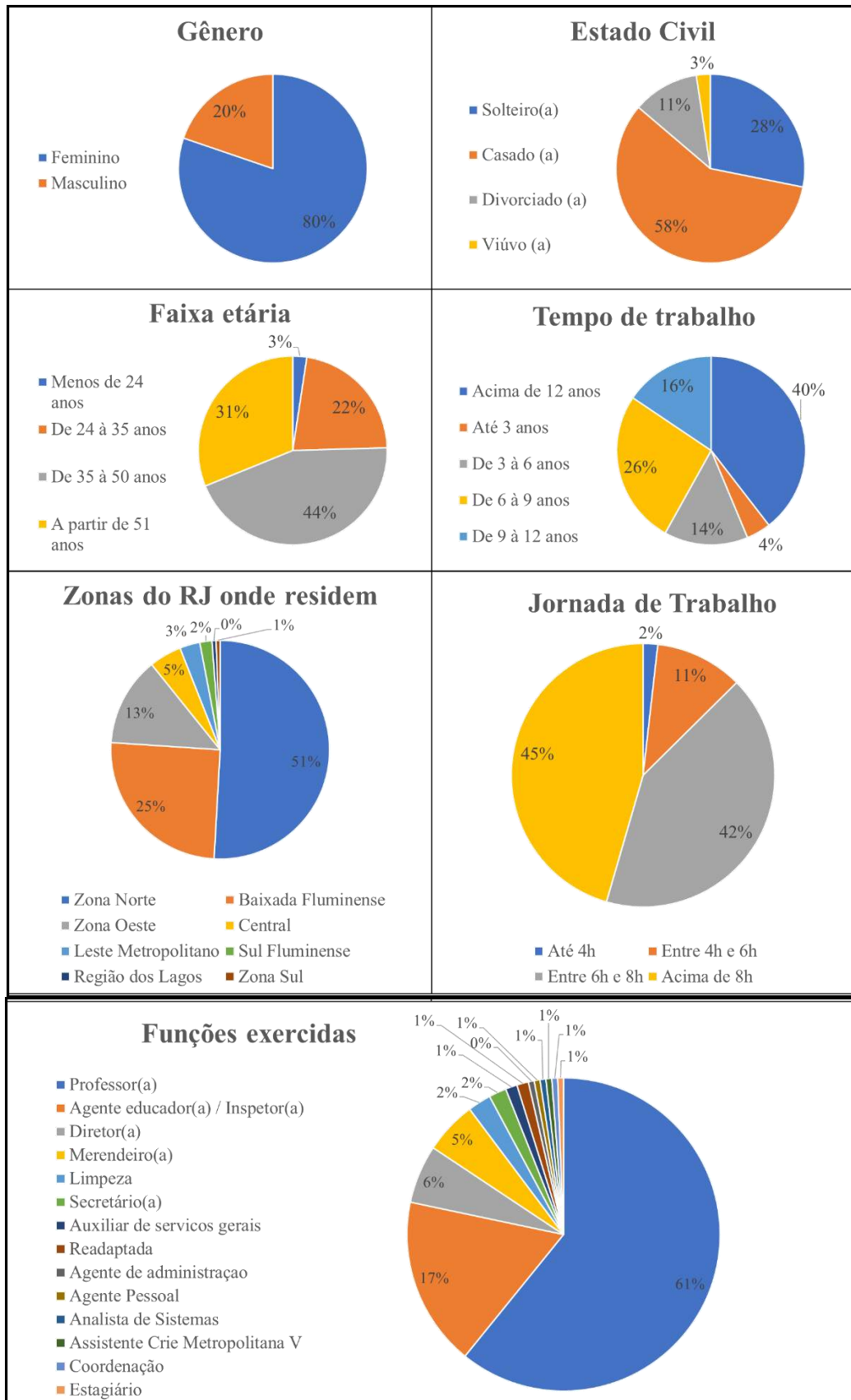
O número de respostas coletadas foi igual a 167, sendo todas elas válidas. Considerando a população da pesquisa de 430 pessoas, a amostra coletada representa um Índice de Confiança de 90% e um erro amostral de 5%.

Inicialmente, serão descritas as características da amostra. Posteriormente, serão apresentados os resultados encontrados acerca do nível de felicidade.

4.1 Características Demográficas

A seguir, na Figura 2, encontram-se os dados, em porcentagem, sobre como os respondentes da pesquisa se dividiam de acordo com os aspectos demográficos incluídos no questionário.

Figura 2 – Dados demográficos dos profissionais de escolas públicas que responderam à pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

O resultado da pesquisa é caracterizado por 134 respostas de pessoas que se consideram do gênero feminino e 33 do gênero masculino. Como visto na Figura 2, 80% das

respostas obtidas são de pessoas que se enxergam como sendo do gênero feminino e 20% como sendo do gênero masculino. Isso permite afirmar que os profissionais de escolas públicas no RJ são majoritariamente compostos por pessoas que se consideram como sendo do gênero feminino.

Em relação ao Estado Civil dos mesmos profissionais, 58% desses funcionários eram casados, 28% solteiros, 11% divorciados e 3% viúvos.

Com relação a faixa etária dos profissionais, o intervalo foi definido de acordo com as gerações reconhecidas no país. São elas: Geração X – nascidos, aproximadamente, entre 1960 e 1980 –, Geração Y – nascidos, aproximadamente, entre 1980 e 2000 – e Geração Z – nascidos a partir dos anos 2000. Dos que responderam a pesquisa, 44% tinham entre 35 e 50 anos de idade, 31% a partir de 51 anos de idade, 22% de 24 a 35 anos de idade e 3% possuíam menos de 24 anos de idade. Ou seja, existia um predomínio de profissionais da Geração Y (44%) e X (31%), respectivamente.

Em relação a zona onde viviam no RJ, 51% da amostra da pesquisa vivia na Zona Norte, 25% na Baixada Fluminense, 13% na Zona Oeste, e 5% na Central e os outros 6% dividiam-se entre Leste Metropolitano, Sul Fluminense, Região dos Lagos e Zona Sul. Dado os números expressivos nas Zonas Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense, optou-se por, ao longo do texto, mencioná-las nas análises de forma destacada e as demais zonas foram chamadas de “Outros”. É importante ressaltar que a quantidade expressiva de moradores da Zona Norte acontece porque as escolas selecionadas eram, em sua maioria, situadas nessa região.

Constatou-se também que 61% das pessoas que responderam a pesquisa ocupavam a função de professor(a), 17% a de agente educador(a) (inspetor), 6% a de diretor(a), 5% a de merendeiro(a) e os outros 11% compreendiam as funções de limpeza, secretário(a), auxiliar de serviços gerais, pessoas readaptadas, agente de administração, agente pessoal, analista de sistemas, assistente CRIE Metropolitana V, coordenação e estágio.

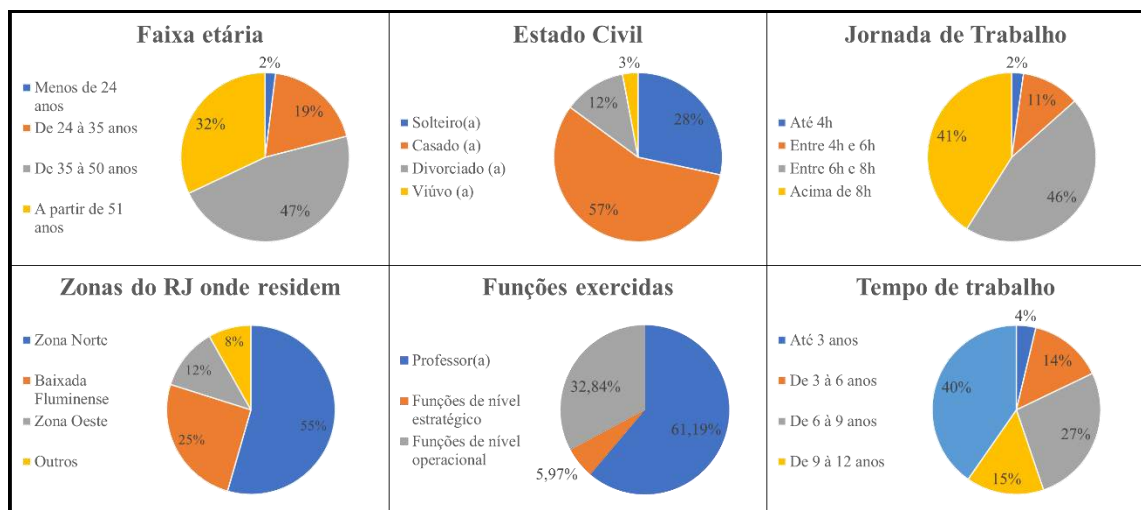
Para facilitar a análise e discussão dos resultados, optou-se por dividir as funções em três: professor, funções de nível estratégico e funções de nível operacional. A escolha por manter a de professor foi pelo fato de que estes representam mais da metade dos respondentes e também porque é uma das funções, apontadas pela Organização Internacional do Trabalho (1984) como uma das mais estressantes para se trabalhar. Já as de nível estratégico estão representadas nas funções de diretor(a), coordenador(a) e assistente CRIE Metropolitana V. As de nível operacional compreendem todas as demais funções exercidas pelos respondentes.

A respeito do tempo em que esses profissionais trabalhavam em escolas públicas, observou-se que 40% deles estavam nessa área há mais de doze anos, 26% entre seis e nove anos, 16% de nove a doze anos, 14% de três a seis anos e 4% até três anos. Sobre a carga horária de trabalho (ou jornada de trabalho) dos mesmos, 45% trabalhavam acima de oito horas, 42% entre seis e o oito horas, 11% entre quatro e seis horas e 2% trabalhavam até quatro horas por dia em escolas públicas.

4.1.1 Gênero

Dentre as mulheres, conforme apresentado na Figura 3, foi possível observar que 47% estavam na faixa etária dos 35 aos 50 anos, 32% a partir dos 51 anos, 19% de 24 a 35 anos e 2% menos de 24 anos. Ou seja, a maior parte das mulheres eram representadas pelas gerações Y e X. Além disso, 57% dessas mulheres eram casadas, 28% solteiras, 12% divorciadas e 3% viúvas, 55% moravam na Zona Norte do Rio de Janeiro, 25% na Baixada Fluminense, 12% na Zona Oeste e as demais viviam em outras partes do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 3 – Características demográficas dos profissionais de escolas públicas do gênero feminino



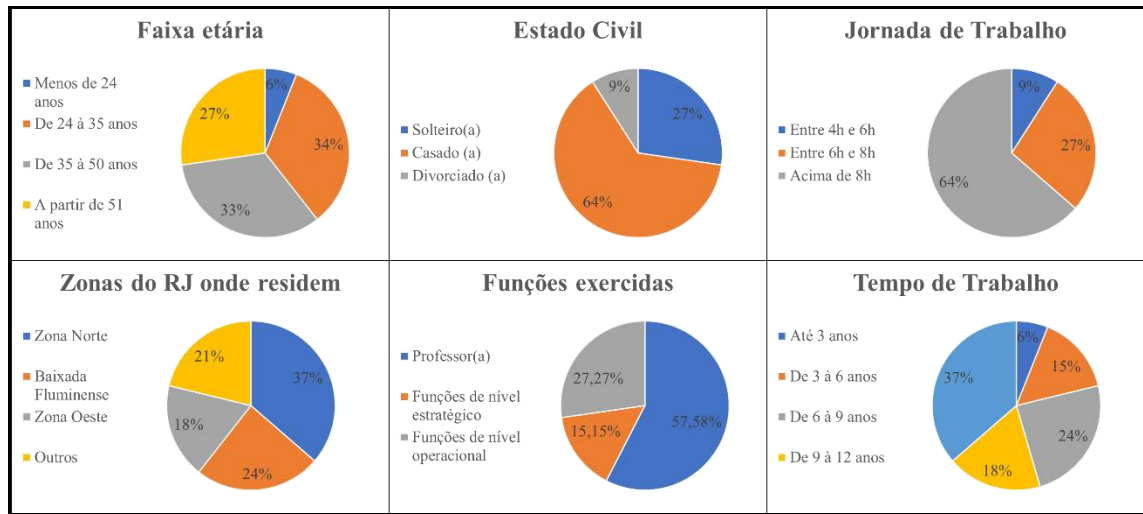
Fonte: elaborado pela autora.

A respeito das informações relacionadas ao trabalho dessas mulheres, 61% exerciam o cargo de professora, 6% funções de nível gerencial e 33% de nível operacional. 46% dessas mulheres trabalhavam entre seis e oito horas por dia, 41% trabalhavam mais de oito horas por dia e as demais trabalhavam menos de seis horas. A mesma amostra de mulheres tinha 40% do seu total trabalhando acima de doze anos, 27% entre seis e nove anos, 15% de nove a 12 anos, 14% de três a seis anos e 4% até 3 anos.

Já entre os homens, conforme visto na Figura 4, 34% possuíam de 24 a 35 anos de idade, 33% de 35 a 50 anos, 27% mais de 51 anos e os 6% restantes possuíam menos de 24 anos. Também, 64% deles eram casados, 27% solteiros e 9% divorciados. 37% viviam na

Zona Norte, 24% na Baixada Fluminense, 18% na Zona Oeste e 21% em outras zonas do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 4 - Características demográficas dos profissionais de escolas públicas do gênero masculino



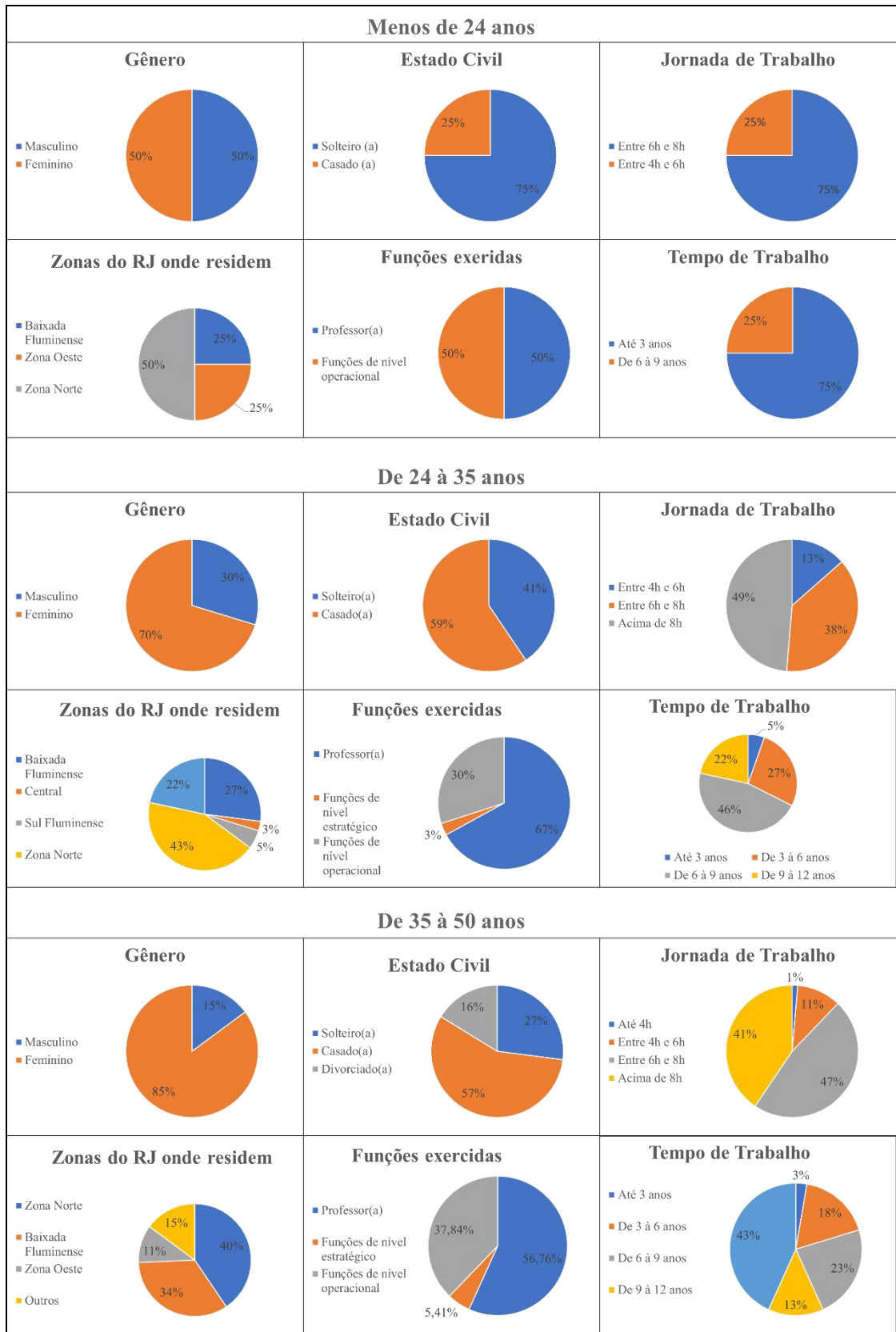
Fonte: elaborado pela autora.

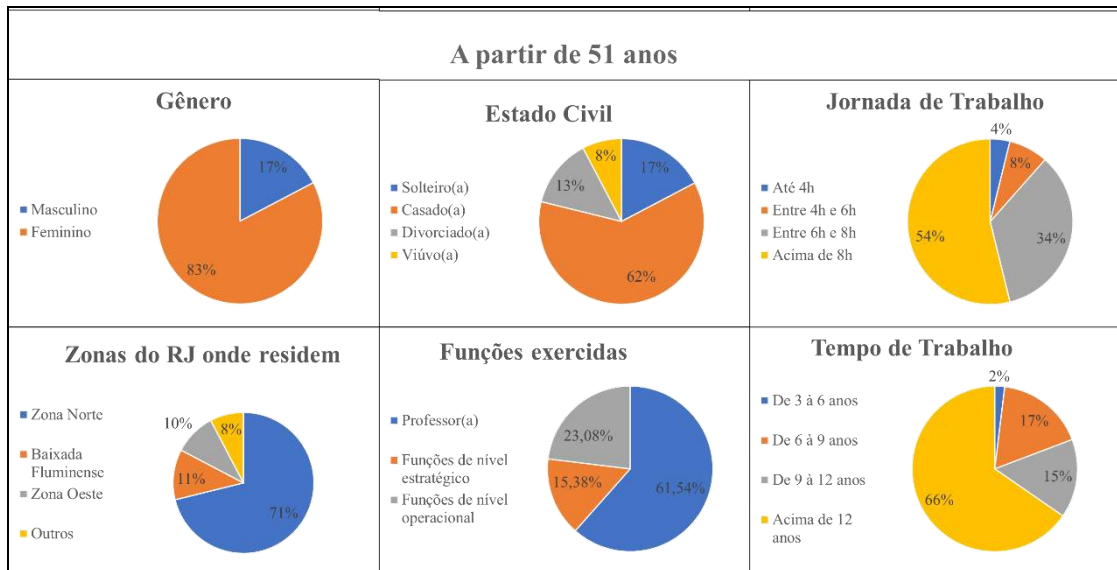
Sobre a função que exerciam, 58% dos homens ocupavam o cargo de professor, 15% funções de nível estratégico e 27% de nível operacional. Sendo que 64% desse total trabalhavam acima de oito horas por dia, 27% entre seis e oito horas por dia e nove por cento menos de seis horas por dia. Por último, 37% deles já trabalhavam na escola pública há mais de 12 anos, 24% trabalhavam de seis a nove anos, 18% de nove a doze anos, 15% de três a seis anos e 6% trabalhavam há menos de três anos.

4.1.2 Faixa Etária

Os dados demográficos analisados sob o ponto de vista das faixas etárias encontram-se descritos nos gráficos da Figura 5 e no parágrafo a seguir.

Figura 5 - Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com a faixa etária





Fonte: elaborado pela autora.

Como se pode ver, os jovens com menos de 24 anos, respondentes da pesquisa, eram 50% do público masculino e 50% do público feminino. 75% deles eram casados e 25% solteiros. Dentre eles, 50% viviam na Zona Norte, 25% na Baixada Fluminense e 25% na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Com relação ao trabalho que exerciam, 50% são professores e os outros 50% exerciam função de nível operacional, sendo que 75% deles trabalhavam na escola há menos de três anos e os 25% restantes entre seis e nove anos. Também, 75% deles trabalhavam entre seis e oito horas por dia e os 25% restantes entre quatro e seis horas por dia.

A parcela dos respondentes descrita por ter de 24 a 35 anos de idade era 70% caracterizada por mulheres e 30% por homens, sendo 59% do total casado(a) e 41% solteiro(a), 43% moradores da Zona Norte, 27% da Baixada Fluminense, 22% da Zona Oeste e os 8% restantes de outras zonas do estado do Rio de Janeiro. A mesma parcela possuía 67% do seu total exercendo a função de professor(a), 3% em posição de nível estratégico e 30% de nível operacional. 49% dessas pessoas trabalhavam mais de oito horas por dia, 38% entre seis e oito horas e 13% entre quatro e seis horas por dia.

Já os indivíduos de 35 a 50 anos tinham 15% do seu total representado pelo público masculino e 85% feminino, sendo 57% casado(a), 27% solteiro(a) e 16% divorciado(a), além de 41% ser morador(a) da Zona Norte, 34% da Baixada Fluminense, 11% da Zona Oeste e 14% das demais regiões. 57% deles são professores, 5% ocupavam funções de nível estratégico e 38% funções de nível operacional.

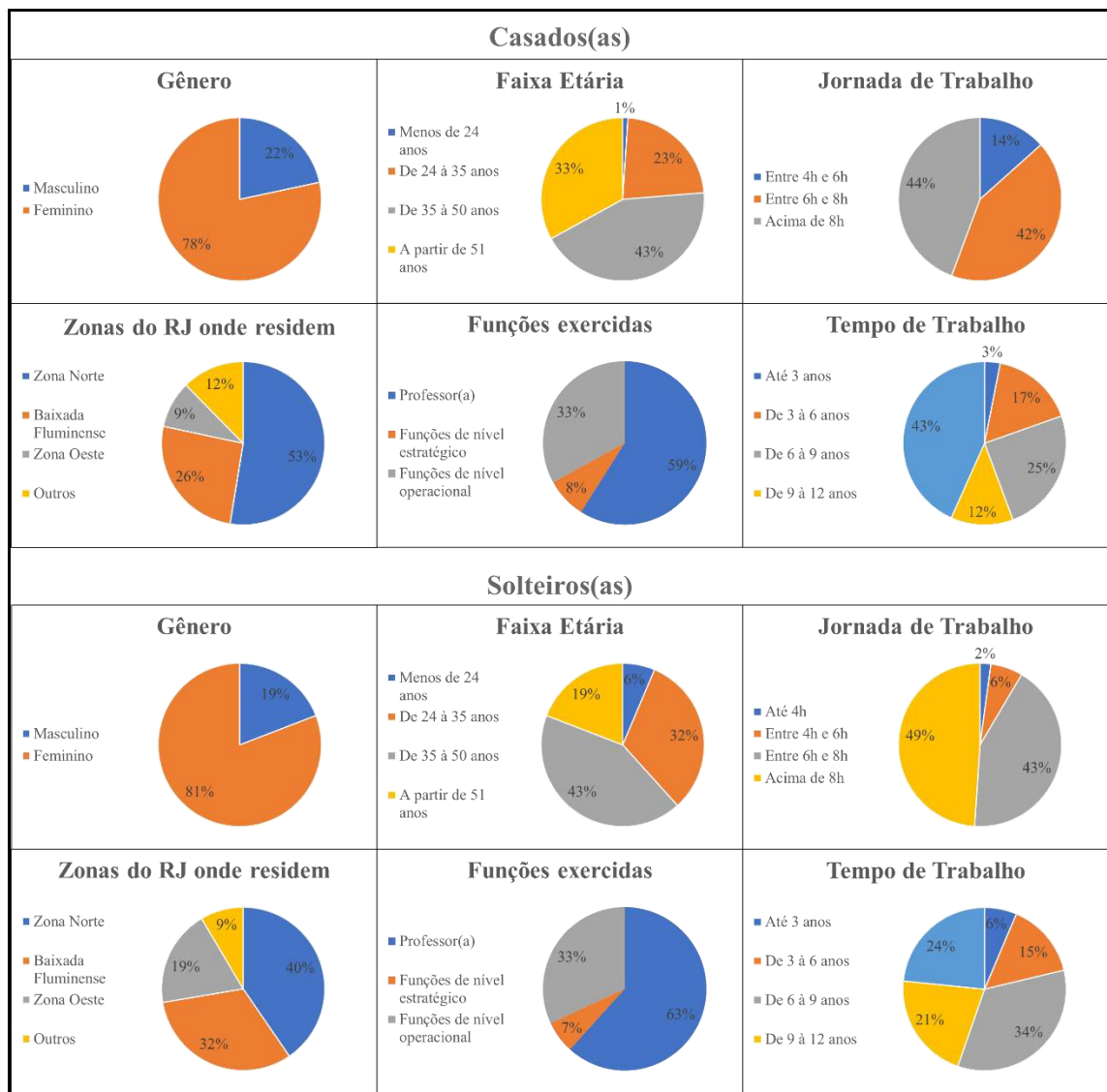
A última faixa analisada compreendia as pessoas com idade a partir dos 51 anos. Estas possuem 83% de representatividade feminina e 17% masculina. Desse total, 62% eram casados, 17% solteiros, 13% divorciados e 8% viúvos. Também, 71% viviam na Zona Norte

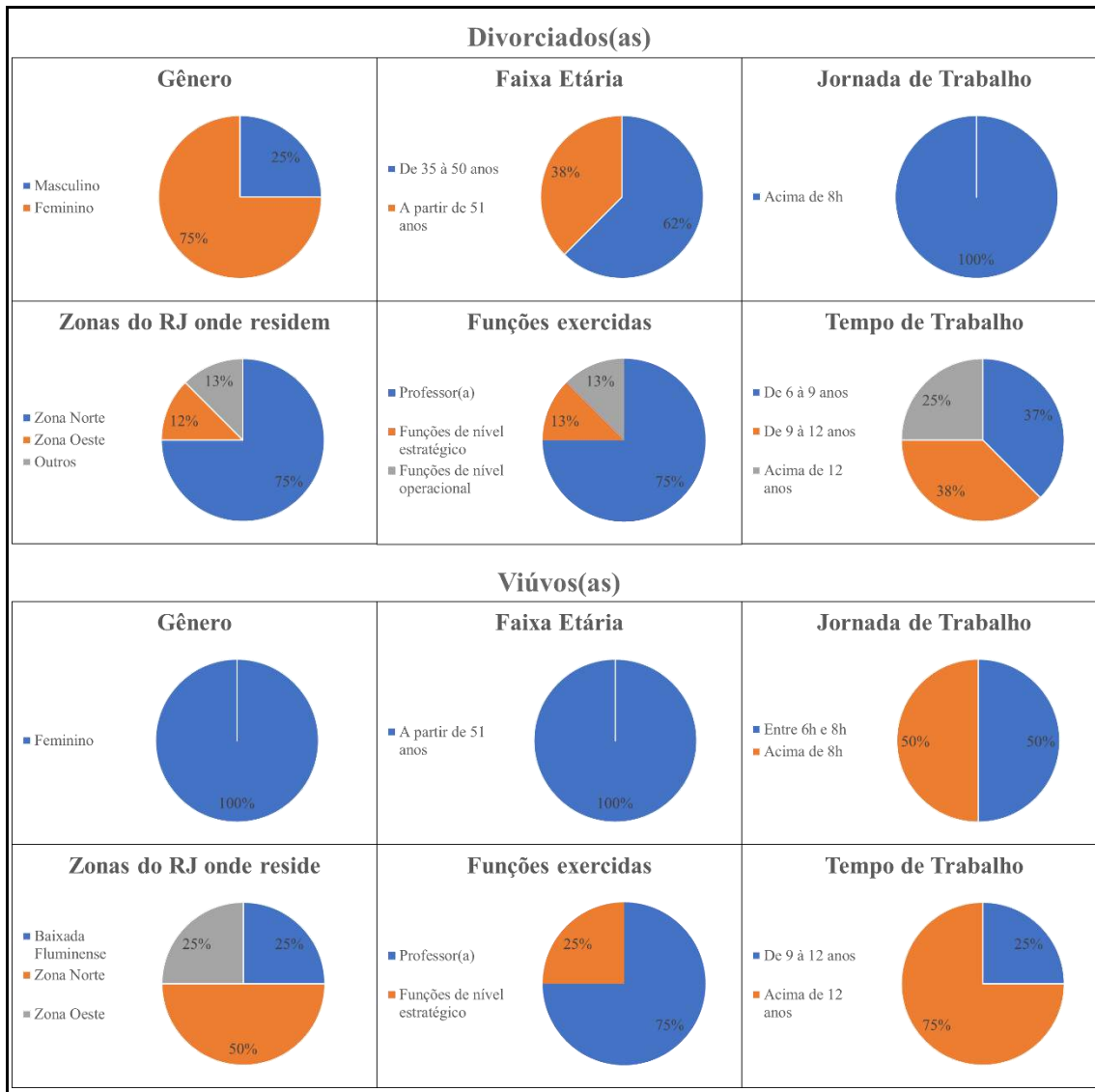
do Rio de Janeiro, 11% na Baixada Fluminense, 10% na Zona Oeste e os 8% nas demais zonas. Dentre todos esses respondentes, 62% eram professores, 15% estavam em cargos de nível estratégico e 23% nos de nível operacional, 66% trabalhavam em escola pública há mais de 12 anos, 17% entre seis e nove anos, 15% entre nove e doze anos e 2% entre três e seis anos. Por último, cerca de 54% desses profissionais trabalhavam acima de oito horas por dia, 34% entre seis e oito horas e 12% menos de seis horas por dia.

4.1.3 Estado Civil

Sob a perspectiva do estado civil dos respondentes, novamente os dados demográficos foram descritos em gráficos – dessa vez na Figura 6 – e no parágrafo a seguir.

Figura 6 - Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com o estado civil





Fonte: elaborado pela autora.

Observando a parte dos respondentes cujo estado civil era solteiro(a), nota-se que 81% eram mulheres e 19% homens, 43% tinham de 35 a 50 anos de idade, 32% de 24 a 35 anos, 19% a partir de 51 anos e 6% de 18 a 24 anos, sendo que desse total, 41% viviam na Zona Norte, 32% na Baixada Fluminense, 19% na Zona Oeste e 8% nas outras áreas. Ainda sobre esse perfil, 63% eram professores, 6% ocupavam funções estratégicas e 31% funções operacionais. Além disso, 34% atuavam em escolas públicas há um período de seis a nove anos, 24% acima de doze anos, 21% de nove a doze anos e 21% há menos de seis anos, sendo que 49% trabalhavam acima de oito horas por dia, 43% entre seis e oito horas e 8% trabalhavam menos de seis horas por dia.

Agora, analisando a parcela casada da amostra, identificou-se que 78% do público era feminino e 22% masculino, com 43% na faixa etária de 35 a 50 anos, 33% a partir de 51 anos, 23% de 24 a 35 anos e 1% com menos de 24 anos. Aqui, 53% das

peças viviam na Zona Norte do Rio de Janeiro, 26% na Baixada Fluminense, 9% na Zona Oeste e 12% nas demais áreas. Do total, 59% eram professores, 8% atuavam no nível estratégico e 33% no nível operacional, sendo que 44% trabalhavam acima de oito horas por dia, 42% entre seis e oito horas e 14% entre quatro e seis horas, e 43% já trabalhavam em escolas há mais de doze anos, 25% de seis a nove anos, 17% de três a seis anos, 12% de nove a doze anos e 3% há até três anos.

Agora, analisando a parcela casada da amostra, identificou-se que 78% do público era feminino e 22% masculino, com 43% na faixa etária de 35 a 50 anos, 33% a partir de 51 anos, 23% de 24 a 35 anos e 1% com menos de 24 anos. Aqui, 53% das pessoas viviam na Zona Norte do Rio de Janeiro, 26% na Baixada Fluminense, 9% na Zona Oeste e 12% nas demais áreas. Do total, 59% eram professores, 8% atuavam no nível estratégico e 33% no nível operacional, sendo que 44% trabalhavam acima de oito horas por dia, 42% entre seis e oito horas e 14% entre quatro e seis horas, e 43% já trabalhavam em escolas há mais de doze anos, 25% de seis a nove anos, 17% de três a seis anos, 12% de nove a doze anos e 3% há até três anos.

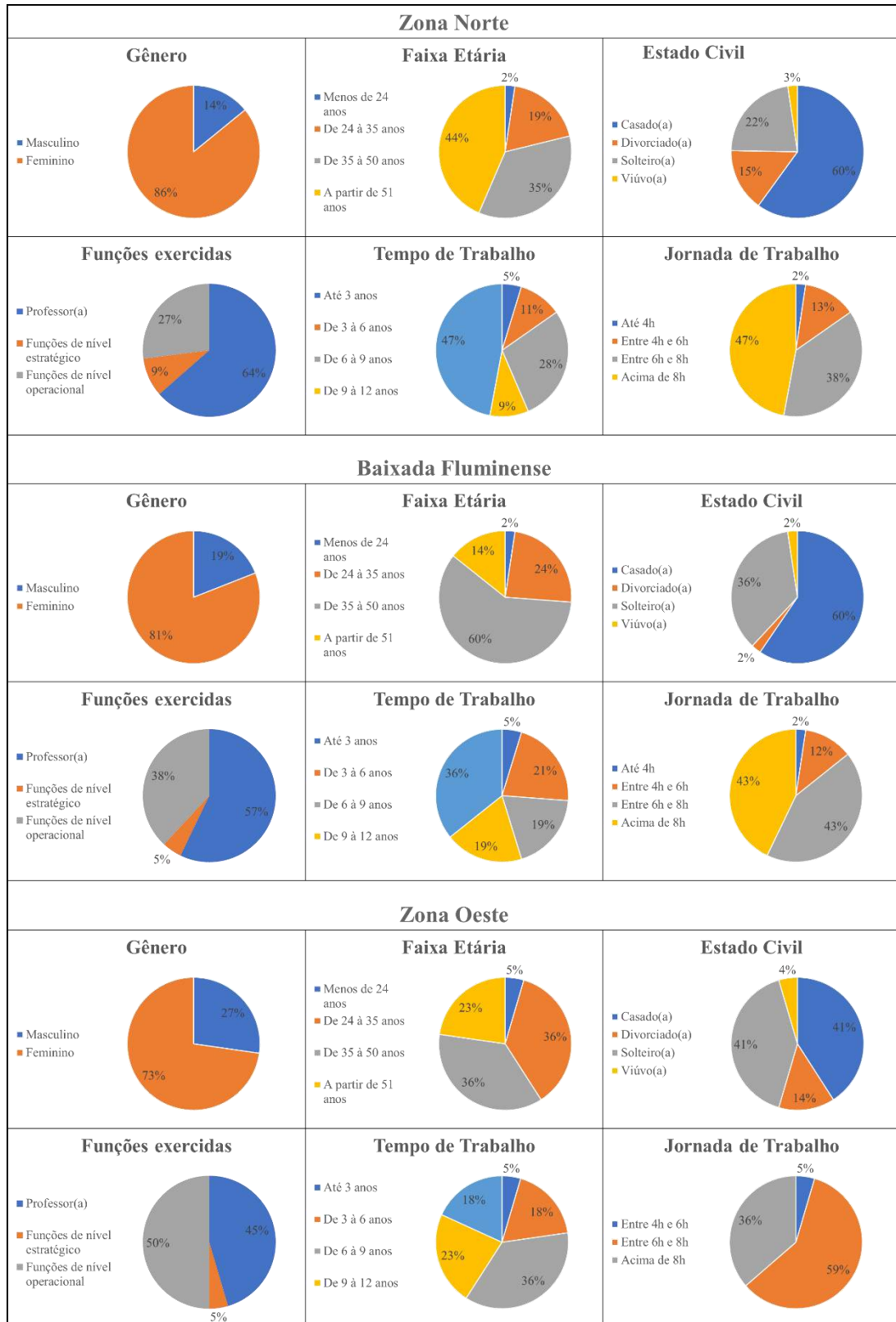
Com relação aos divorciados, 75% eram mulheres e os demais homens, sendo 62% com faixa etária a partir dos 51 anos e 38% de 35 a 50 anos, também 75% viviam na Zona Norte do RJ, 12% na Zona Oeste e 13% em outras regiões. A respeito da função que exerciam, 75% eram professores, 12,5% ocupavam cargo de nível estratégico e 12,5% cargo de nível operacional, sendo que todos eles trabalhavam mais de oito horas por dia e 38% trabalhavam nesse meio de nove a doze anos, 37% de seis a nove anos e 25% acima de doze anos.

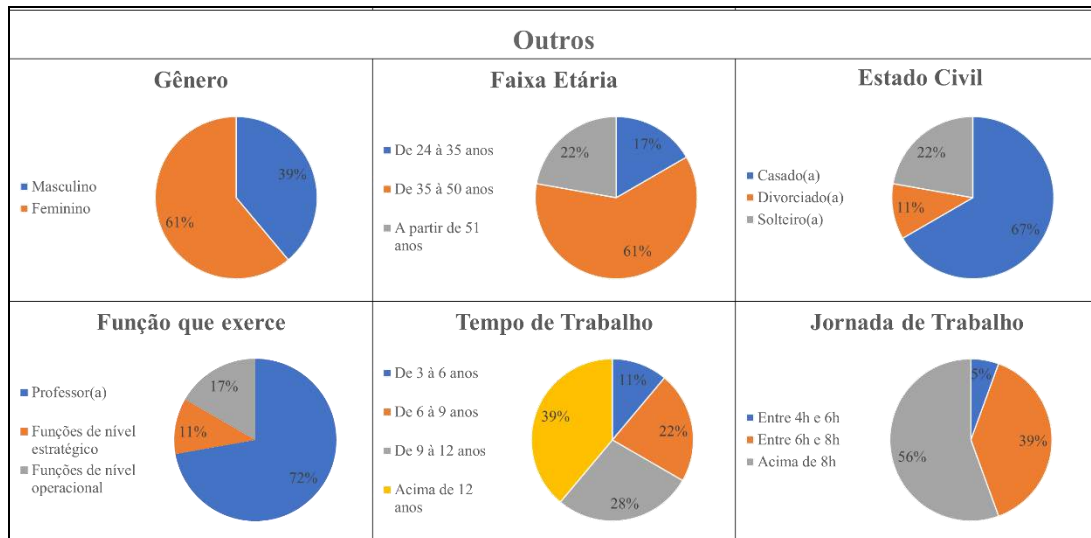
Já sobre as viúvas, elas eram 100% mulheres, todas com mais de 51 anos de idade, 50% viviam na Zona Norte, 25% na Baixada Fluminense e 25% na Zona Oeste. 75% delas eram professoras e 25% ocupavam cargo de nível estratégico, sendo que 75% já trabalhavam em escolas há mais de doze anos e 25% de nove a doze anos. Além disso, metade delas trabalhavam acima de oito horas por dia, enquanto a outra metade trabalhava entre seis e oito horas por dia.

4.1.4 Zonas do Rio de Janeiro

Com base na ótica das zonas do RJ onde os respondentes vivem, na Figura 7, encontram-se os gráficos que detalham essas informações coletadas no questionário.

Figura 7 - Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com as zonas onde vivem





Fonte: elaborado pela autora.

Os respondentes que viviam na Zona Norte foram caracterizados por serem 86% do gênero feminino, 14% do gênero masculino, 44% com mais de 51 anos de idade, 35% de 35 a 50 anos de idade, 19% de 24 a 35 anos de idade e 2% com menos de 24 anos de idade, e também 60% eram casados, 22% solteiros, 15% divorciados e 3% viúvos. Desse total, 63% eram professores, 9% ocupavam cargos de nível estratégico e 28% de nível operacional, 47% trabalhavam em escolas há mais de doze anos, 28% de seis a nove anos, 11% de três a seis anos, 9% de nove a doze anos e 5% há menos de três anos. Por fim, dentre todos eles, 47% trabalhavam mais de oito horas por dia, 38% de seis a oito horas, 13% de quatro a seis horas e 2% trabalham até quatro horas por dia.

Já os que viviam na Baixada Fluminense eram 81% representados por mulheres e 19% por homens, dentre os quais 60% possuíam de 35 a 50 anos de idade, 24% de 24 a 35 anos, 14% mais de 51 anos e 2% menos de 24 anos. 60% desse total era composto por pessoas casadas, 36% solteiras, 2% divorciadas e 2% viúvas. Também destaca-se que 57% eram professores, 5% ocupavam funções de nível estratégico e 38% de nível operacional, também destaca-se que 43% trabalhavam mais de oito horas por dia, 43% entre seis e oito horas por dia, 12% entre quatro e seis horas por dia e 2% até quatro horas por dia, e também que 36% trabalhavam há mais de doze anos em escola pública, 21% de três a seis anos, 19% de nove a doze anos, 19% de seis a nove anos e 5% há menos de três anos.

Com relação a Zona Oeste, 73% do seu total era representado por pessoas do gênero feminino e 27% do masculino, ao mesmo tempo em que 41% eram casados, 41% solteiros, 14% divorciados e 4% viúvos, sendo que 36% desse total estavam na faixa etária de 35 a 50 anos, 36% de 24 a 35 anos, 23% mais de 51 anos e 5% menos de 24 anos. Outra informação é que 45% do total era composto por professores, 5% por pessoas que ocupavam função de

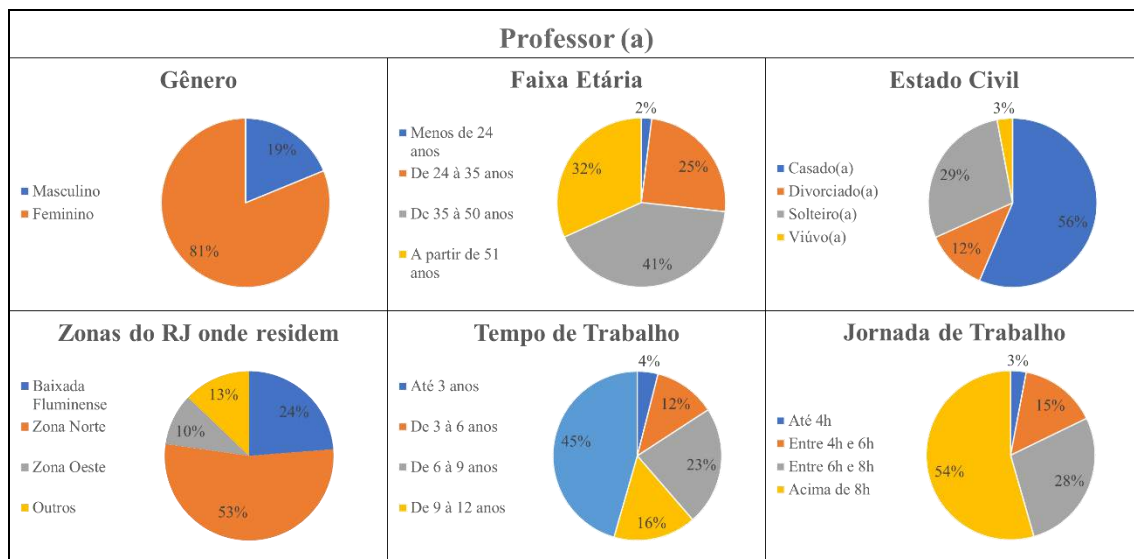
nível estratégico e outros 50% de pessoas de nível operacional, dentre todos eles 59% trabalhavam entre seis e nove horas por dia, 36% trabalhavam acima de oito horas e 5% entre quatro e seis horas. Outro ponto é que 36% desse total eram de pessoas que já trabalhavam em escolas públicas de seis a nove anos, 23% de nove a doze anos, 18% de três a seis anos, 18% acima de doze anos e 5% até três anos.

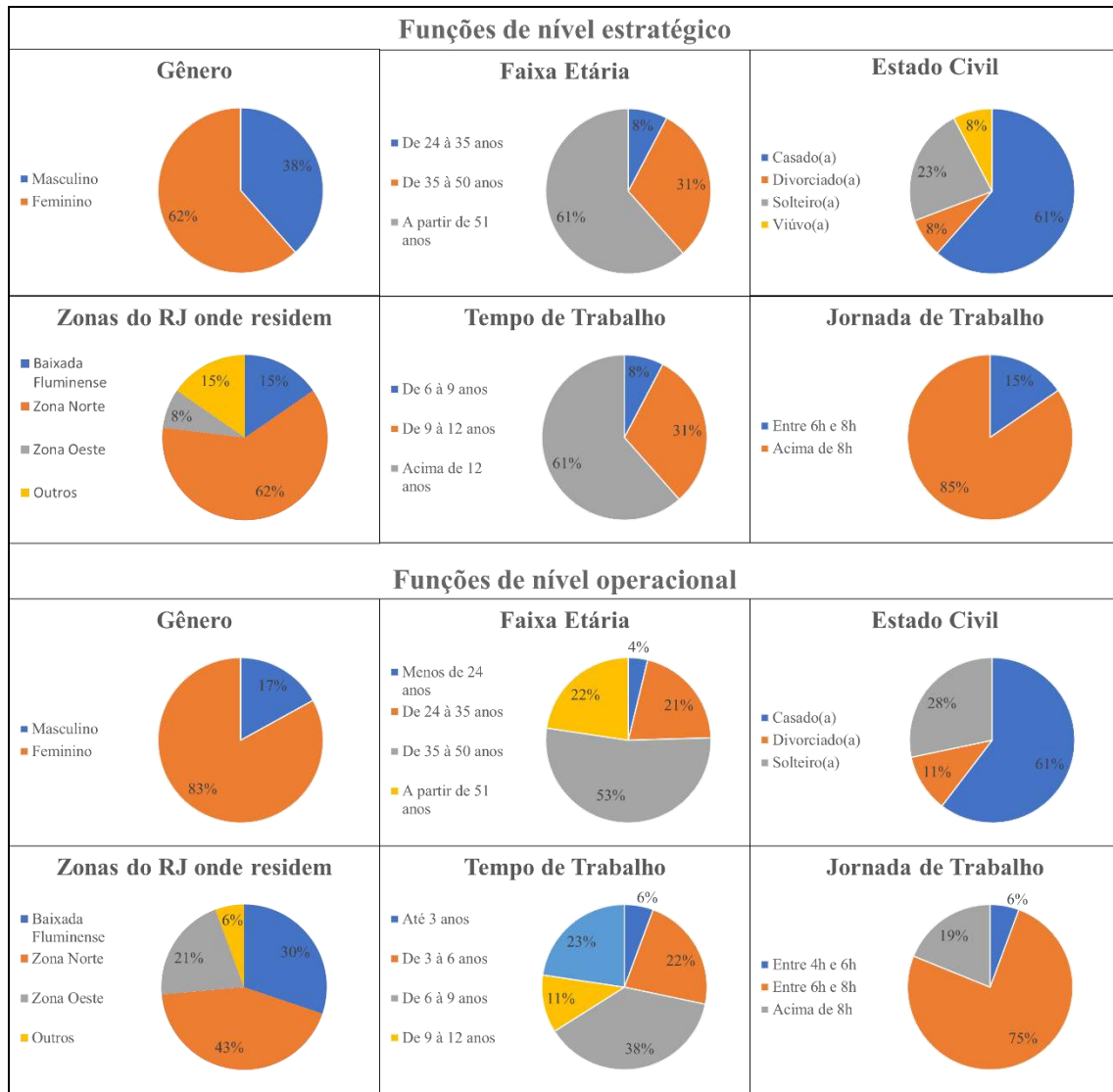
Sobre as outras zonas, notou-se que 61% era do público feminino, 39% o masculino, 61% tinha de 35 a 50 anos de idade, 22% tinha mais de 51 anos, 17% de 24 a 35 anos, 66% eram casados, 22% solteiros e 11% divorciados. A maioria deles eram professores, representados por 72% do total e o restante se distribuiu entre 11% de pessoas exercendo funções de nível estratégico e 17% de nível operacional. Quanto ao tempo de trabalho, 39% afirmaram trabalhar na escola há mais de doze anos, 28% de nove a doze anos, 22% de seis a nove anos e 11% de três a seis anos, enquanto as jornadas de trabalho eram de mais de oito horas por dia para 56% desse total, entre seis e oito horas para 39% e entre quatro e seis horas para 5%.

4.1.5 Funções

Aqui, o foco será analisar os dados demográficos dessa pesquisa com base nas funções exercidas pelos respondentes. Na Figura 8, encontram-se em gráficos os resultados que foram coletados.

Figura 8 - Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com as funções que exercem





Fonte: elaborado pela autora.

Os professores foram 81% representados por pessoas do gênero feminino e 19% do gênero masculino, sendo que 41% tinha idade de 35 a 50 anos, 32% a partir de 51 anos, 25% de 24 a 35 anos e 2% menos de 24 anos. Com relação ao estado civil, 56% eram casados, 29% solteiros, 12% divorciados e 3% viúvos. Sobre o local onde viviam, 53% viviam na Zona Norte, 24% na Baixada Fluminense, 10% na Zona Oeste e 13% em outras localidades, sendo que 45% estavam há mais de doze anos trabalhando em escola pública, 23% trabalhavam nesse meio de seis a nove anos, 16% de nove a doze anos, 12% de três a seis anos e 4% até três anos. Além disso, 54% desse perfil trabalhava acima de oito horas por dia, 28% trabalhavam entre seis e oito horas por dia, 15% entre quatro e seis horas e 3% menos de quatro horas.

Funcionários que ocupavam cargos de nível de nível estratégico são 62% representados por mulheres e 38% por homens, 61% tinham a partir de 51 anos de idade, 31% tinham de 35 a 50 anos de idade e 8% de 24 a 35 anos, também 61% do total eram casados,

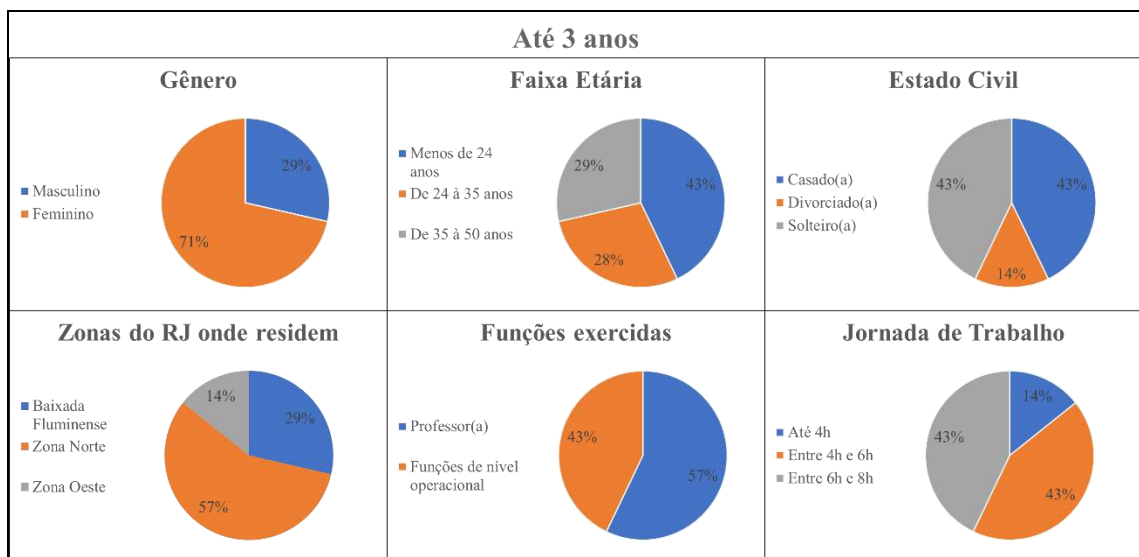
23% solteiros, 8% divorciados e 8% viúvos. Além disso, 62% eram da Zona Norte, 15% da Baixada Fluminense, 8% da Zona Oeste e 15% em outras localidades, sendo que 61% trabalhavam em escolas há mais de doze anos, 31% de nove a doze anos e 8% de seis a nove anos de idade, também 85% deles trabalhavam mais de oito horas por dia e 15% entre seis e oito horas por dia.

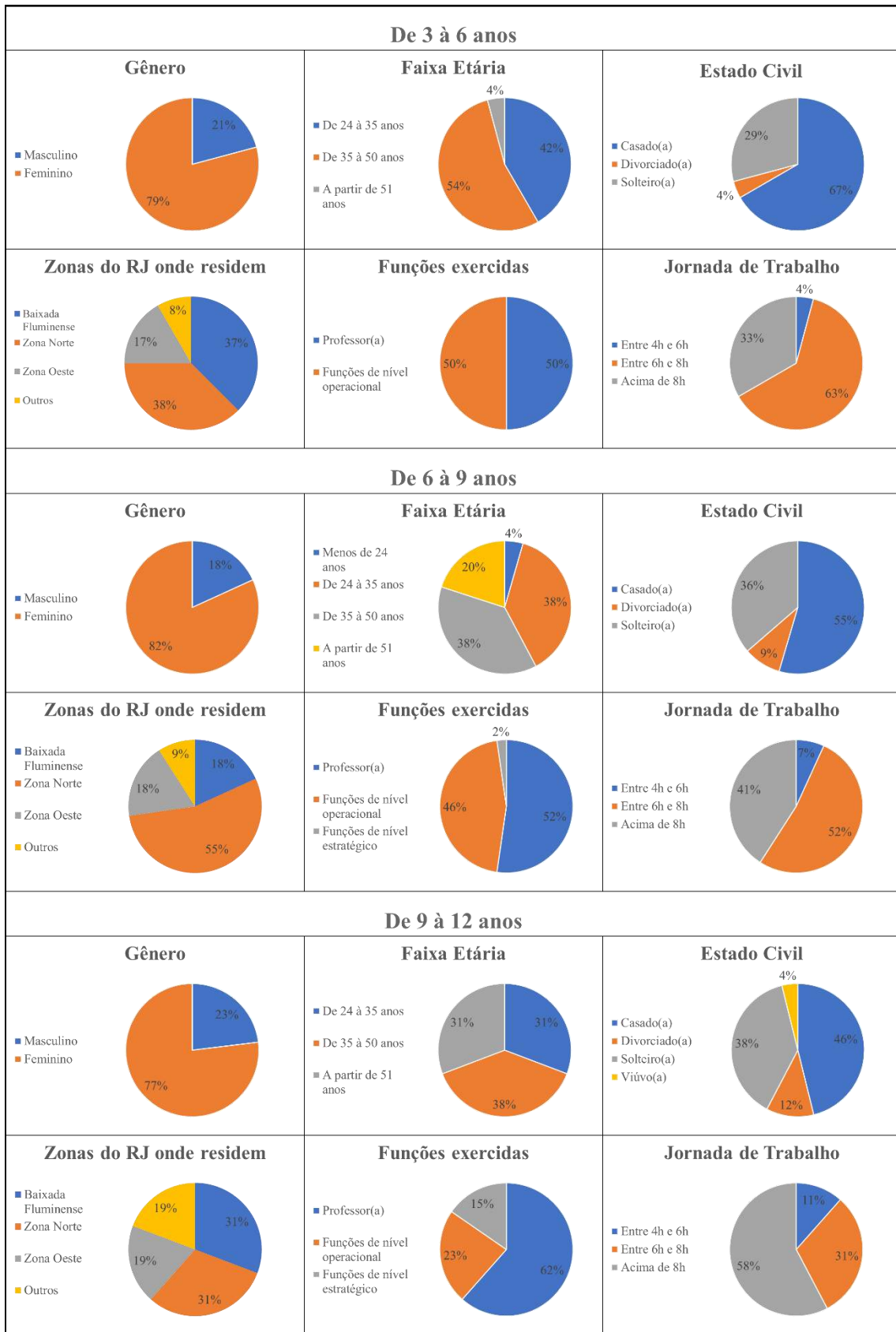
Por último, os funcionários de nível operacional eram 84% representados por mulheres e 17% por homens, sendo 61% do total casados, 28% solteiros e 11% divorciados, também desse total, 53% eram pessoas entre 35 e 50 anos de idade, 22% tinham mais de 51 anos, 21% tem de 24 a 35 anos e 4% tem menos de 24 anos de idade. 43% viviam na zona norte, 30% na Baixada Fluminense, 21% na Zona Oeste e 6% em outros locais, 75% trabalhavam entre seis e oito horas, 19% trabalhavam mais de oito horas por dia e 6% trabalhavam entre quatro e seis horas. Além disso, 38% estavam entre seis e nove anos trabalhando em escolas públicas, 23% já trabalhavam nesse meio há mais de doze anos, 22% de três a seis anos, 11% de nove a doze anos e 6% até três anos.

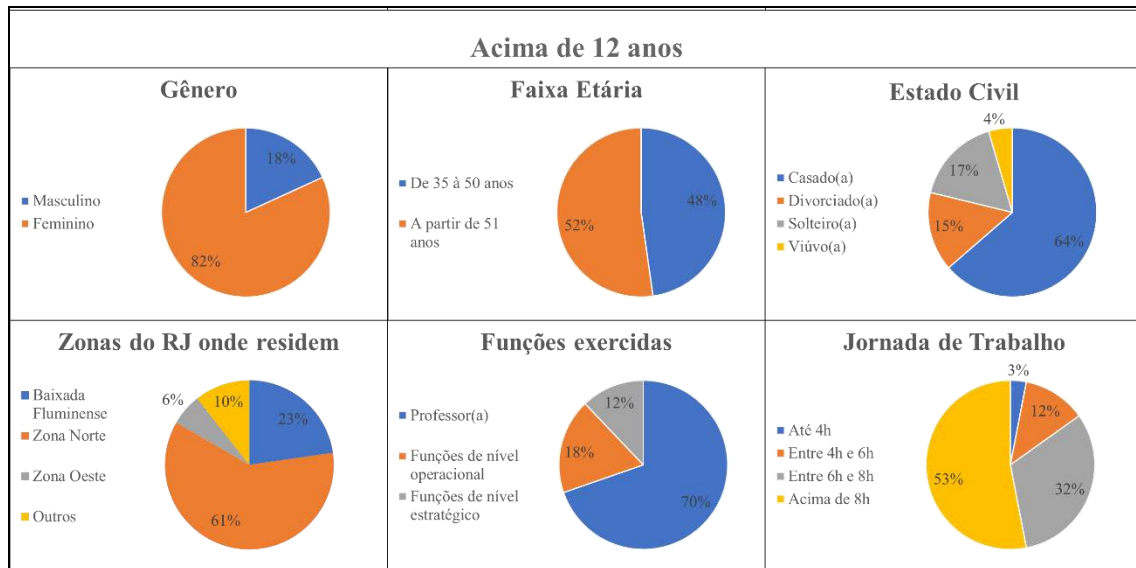
4.1.6 Tempo de Trabalho

Na Figura 9, iremos relacionar o tempo que o indivíduo atua em escola pública com os demais dados demográficos dessa pesquisa. Nela encontram-se os gráficos dos resultados que foram coletados.

Figura 9 - Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com o tempo de trabalho







Fonte: elaborado pela autora.

Aqueles que trabalhavam em um período de até três anos nas escolas públicas eram 71% do gênero feminino e 29% do masculino, 43% deles possuíam menos de 24 anos, 29% possuíam entre 35 e 50 anos e 28% de 24 a 35 anos de idade, e sobre o estado civil deles, 43% eram casados, 43% solteiros e 14% divorciados. Ainda sobre esse total, 57% eram moradores da Zona Norte, 29% da Baixada Fluminense e 14% da Zona Oeste. 57% deles exerciam a função de professor e os outros 43% exerciam funções de nível operacional. Sobre a carga horária de trabalho, 43% trabalhavam entre quatro e seis horas, 43% entre seis e oito horas e 14% até quatro horas por dia.

A parte da amostra que trabalhava de três a seis anos nas escolas públicas foi notada por ser 79% mulheres e 21% homens, tendo 54% de 35 a 50 anos de idade, 42% de 24 a 35 anos de idade e 4% a partir de 51 anos, da mesma forma, 67% eram representados por indivíduos de estado civil casado(a), 29% solteiro(a) e 4% divorciado(a). Em relação a zona do RJ onde viviam, 38% estavam na Zona Norte, 37% na Baixada Fluminense, 17% na Zona Oeste e 8% em outras zonas. Metade deles eram professores e a outra metade exercia função de nível operacional. 63% deles tinham jornada de trabalho entre seis e oito horas por dia, 33% mais de oito horas e 4% entre quatro e seis horas por dia.

Os que já trabalhavam nesse meio de seis a nove anos eram 82% mulheres e 18% homens, 38% tinham de 24 a 35 anos de idade, 38% de 35 a 50 anos, 20% mais de 51 anos e 4% menos de 24 anos. Sobre o estado civil, 55% eram casados, 36% solteiros e 9% divorciados. 55% viviam na Zona Norte, 18% na Baixada Fluminense, 18% na Zona Oeste e 9% em outras zonas. 52% desse total eram professores, 46% estavam em cargos de nível

operacional e 2% de nível estratégico. Por fim, 52% deles trabalhavam entre seis e oito horas por dia, 41% mais de oito horas por dia e 7% entre quatro e seis horas por dia.

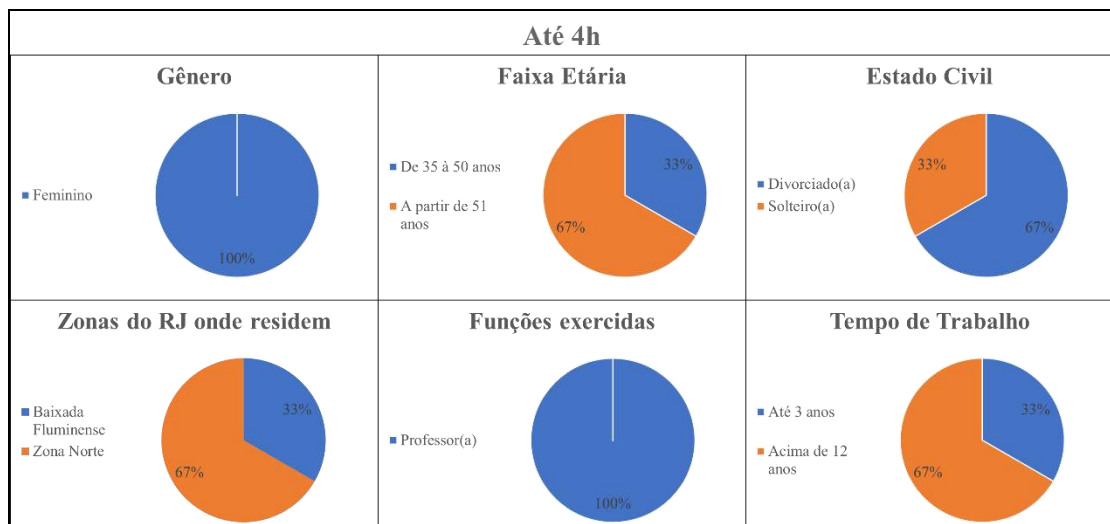
Em relação aos que já atuavam em escolas públicas em um período de nove a doze anos, 77% eram mulheres e 23% homens, 38% com idade entre 35 e 50 anos, 31% de 24 a 35 anos e 31% tinham mais de 51 anos. Dentre todos eles, 46% eram casados, 38% solteiros, 4% viúvos e 12% divorciados, assim como 31% viviam na Zona Norte, 31% na Baixada Fluminense, 19% na Zona Oeste e 19% em outras zonas. Um número expressivo de 62% deles eram professores, 23% estavam em cargos de nível operacional e 15% de nível estratégico. Outro número expressivo é que 58% deles trabalhavam mais de oito horas por dia, enquanto 31% trabalhavam entre seis e oito horas e 11% entre quatro e seis horas.

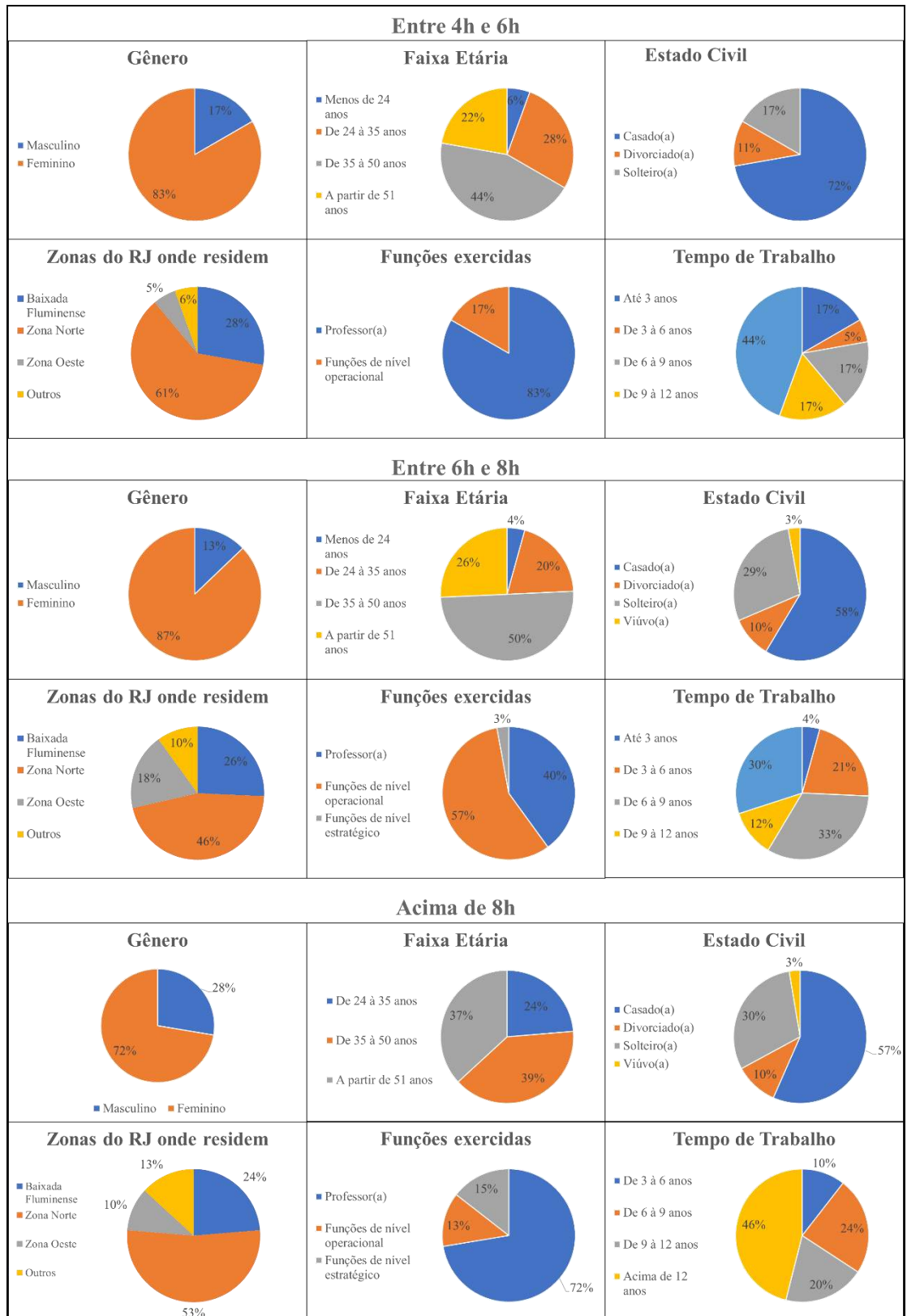
A respeito dos que trabalhavam em escola pública há mais de 12 anos, 82% eram mulheres, 18% homens, 52% possuíam mais de 51 anos e 48% possuíam de 35 a 50 anos, assim como 64% eram casados, 17% solteiros, 15% divorciados e 4% viúvos. A maioria deles (cerca de 61%) viviam na Zona Norte, enquanto 23% viviam na Baixada Fluminense, 10% em outras Zonas e 6% na Zona Oeste. 70% eram professores, 18% estavam em funções de nível operacional e 12% nas de nível estratégico. 53% deles trabalhavam mais de oito horas por dia, 32% entre seis e oito horas por dia, 12% entre quatro e seis horas e 3% trabalhavam até quatro horas por dia.

4.1.7 Carga Horária de Trabalho

O último dado demográfico a ser analisado com os demais é a carga horária de trabalho, ou jornada de trabalho. Na Figura 10, abaixo, estes resultados estão detalhados.

Figura 10 - Características demográficas dos profissionais de escolas públicas de acordo com a carga horária de trabalho





Fonte: elaborado pelos autores.

Dos indivíduos que trabalhavam até quatro horas por dia, 100% eram mulheres, 67% delas tinham idade a partir de 51 anos e os outros 33% de 35 a 50 anos. 67% eram divorciadas e 33% solteiras e, também, 67% viviam na Zona Norte e 33% na Baixada Fluminense. 100%

delas eram professoras e 67% já trabalhavam há mais de doze anos em escola pública, enquanto 33% trabalhavam há menos de três anos.

Pessoas que trabalhavam entre quatro e seis horas por dia eram 83% o público feminino e 17% o masculino, sendo 44% pessoas entre 35 e 50 anos de idade, 28% de 24 a 35 anos, 22% tinham mais de 51 anos e 6% menos de 24 anos. 72% dessa parte da amostra eram casados, 17% solteiros e 11% divorciados, enquanto 61% viviam na Zona Norte, 28% na Baixada Fluminense, 5% na Zona Oeste e 6% em outras zonas do estado do Rio de Janeiro. 83% deles atuavam como professores, enquanto 17% eram do nível operacional. Já 44% trabalhavam em escola pública há mais de doze anos, 17% de nove a doze anos, 17% de seis a nove anos, 17% há até três anos e 5% de três a seis anos.

Aqueles cuja jornada de trabalho era entre seis e oito horas por dia, 87% eram do gênero feminino enquanto 13% eram do gênero masculino. Metade deles estavam na faixa etária de 35 a 50 anos, enquanto 26% já tinham mais de 51 anos, 20% estavam entre 24 e 35 anos e 4% tinham menos de 24 anos. 58% eram casados, 29% solteiros, 10% divorciados e 3% viúvos, ao mesmo tempo em que 46% viviam na Zona Norte, 26% na Baixada Fluminense, 18% na Zona Oeste e 10% em outras zonas. Mais da metade dessa parte da amostra (aproximadamente 57%) atuavam no nível operacional, 40% eram professores e 3% exerciam funções de nível estratégico. Sendo que 33% trabalhavam nessas escolas entre seis e nove anos, 30% há mais de doze anos, 21% de três a seis anos, 12% de nove a doze anos e 4% por menos de três anos.

Os que trabalhavam mais de oito horas por dia eram 72% mulheres e 28% homens, sendo que 39% do seu total tinham entre 35 e 50 anos, 37% encontravam-se na faixa etária a partir de 51 anos e 24% estavam na faixa de 24 a 35 anos de idade. Ainda sobre esse total, 57% eram casados, 30% solteiros, 10% divorciados e 3% viúvos, também 53% viviam na Zona Norte do RJ, 24% na Baixada Fluminense, 10% na Zona Oeste e 13% em outras zonas. 72% eram professores, 15% estavam em funções de nível estratégico e 13% nas de nível operacional. Além disso, 46% estavam há mais de 12 anos trabalhando em escolas públicas, 24% trabalhavam nesse meio de seis a nove anos, 20% de nove a doze anos e 10% de três a seis anos.

4.2 Nível de Felicidade

Em relação ao nível de felicidade dos funcionários de escola pública, foi constatado que o nível médio deles encontrava-se em 101,92, conforme resultados da aplicação do Instrumento utilizado nessa pesquisa. Considerando que cada afirmativa poderia ser pontuada

com valores entre um e cinco, a pontuação máxima possível era de 145 e a mínima de 29 para demonstrar o nível de felicidade de um indivíduo.

Para cálculo do percentual do Nível Médio de Felicidade foi feita a seguinte fórmula:

Percentual do Nível Médio de Felicidade

$$\frac{(\text{Nível médio de felicidade} - \text{pontuação mínima de felicidade})}{(\text{pontuação máxima de felicidade} - \text{pontuação mínima de felicidade})} \times 100$$

A utilização do percentual é importante para melhorar a compreensão do nível de felicidade ao longo da leitura deste estudo. Isso porque trata-se de uma escala que varia de 0 a 100.

Aqui, o nível médio de felicidade é representado pela média entre as somas das pontuações de felicidade. A pontuação mínima e a máxima de felicidade, conforme apresentadas anteriormente, correspondem aos valores 29 e 145, respectivamente.

Considerando esse cálculo, a amostra desta pesquisa encontra-se em um nível de 62,86% de felicidade.

Na Tabela 1, podemos ver uma relação entre os dados demográficos coletados na pesquisa e o nível de felicidade de cada um deles, tanto com relação ao total pontuado no questionário quanto em relação ao percentual do nível médio de felicidade alcançado.

Tabela 1 – Relação entre o nível de felicidade dos respondentes e os dados demográficos

Dados Demográficos		Nível Médio de Felicidade Pontuada	Percentual do Nível Médio de Felicidade
Gênero	Feminino	102,10	63,02%
	Masculino	101,18	62,22%
Faixa Etária	Menos de 24 anos	102,00	62,93%
	De 24 a 35 anos	101,23	62,27%
	De 35 a 50 anos	101,22	62,26%
	A partir de 51 anos	103,40	64,14%
Estado Civil	Casado(a)	101,92	62,86%
	Divorciado(a)	103,03	62,82%
	Solteiro(a)	103,85	64,53%
	Viúvo(a)	119,25	77,80%
Lugar onde vive	Zona Norte	101,60	62,59%
	Baixada Fluminense	103,12	63,90%
	Zona Oeste	104,68	65,24%
	Outros	97,28	58,56%
Tempo de Trabalho	Até 3 anos	94,71	56,65%
	De 3 a 6 anos	103,92	64,59%
	De 6 a 9 anos	99,36	60,66%
	De 9 a 12 anos	105,69	66,11%
	Acima de 12 anos	102,18	63,09%
Carga Horária de Trabalho / Jornada de Trabalho	Até 4h/dia	96,67	58,34%
	Entre 4 e 6h/dia	106,33	66,66%
	Entre 6 e 8h/dia	103,10	63,88%
	Acima de 8h/dia	100,91	61,99%
Função que exerce	Professor(a)	101,96	62,90%
	Nível estratégico	113,31	72,68%

	Nível operacional	99,06	60,40%
--	-------------------	-------	--------

Fonte: elaborado pela autora.

Foi possível observar que, em termos percentuais, o nível de felicidade das mulheres se manteve com valor bem próximo ao dos homens, entre 63% e 62%, e ambos estiveram com seus valores em torno da média geral da pesquisa. Em relação as faixas etárias, todas também estiveram com níveis bem próximos à média geral encontrada na pesquisa, com exceção do grupo com mais de 51 anos, cujo nível está um pouco acima de 64%.

Com relação aos casados, solteiros e divorciados, o nível também se manteve muito próximo, em torno dos 62%. A diferença se deu com relação aos viúvos, cujo nível ficou em 77%.

Sobre o lugar onde viviam, o grupo da Zona Norte se manteve bem próximo à média geral, os da Baixada tiveram um nível um pouco acima da média geral mas com uma diferença bem pequena. Já os que moravam na Zona Oeste apresentaram o maior índice dentro dessa ótica das zonas onde as pessoas vivem. Apenas os que moravam em outros lugares apresentaram um nível abaixo do normal, em torno de 58%. O mesmo foi percebido nos que trabalhavam em escolas há um período de menos de três anos, cujo nível ficou próximo de 56%. Já aqueles, cujo tempo de trabalho estava entre nove e doze anos, foi onde se observou o nível mais alto da ótica de tempo de trabalho. Eles marcaram um nível próximo de 66%. As demais faixas de tempo de trabalho mantiveram-se num intervalo entre 60% e 64%.

Sobre a carga horária de trabalho, aqueles que trabalhavam mais de seis horas por dia possuíam nível próximo à média encontrada, que é algo em torno de 61% e 64%. Já os que trabalham entre quatro e seis horas estão com nível de 67% contra 58% dos que trabalham menos de quatro horas por dia.

A respeito da função que exerce, a menor média encontrada foi referente aos profissionais de nível operacional, com 60% do nível, o que ainda assim não é tão distante da média geral. Os professores ficaram um pouco acima com 63% de nível de felicidade. Já os que ocupavam um nível estratégico ficaram com um nível de 73% de felicidade.

Dentre todas as respostas obtidas, 31 possuíam nível de felicidade inferior à 50%. Dentre eles, 29 eram mulheres e dois eram homens, dez tinham mais de 51 anos de idade, seis tinham entre 24 e 35 anos e os outros 15 estavam na faixa etária de 35 a 50 anos, 16 eram casados, sete divorciadas e oito solteiros, oito viviam na Baixada Fluminense, 16 na Zona Norte, dois na Zona Oeste e cinco em outros locais. Ainda sobre este grupo, 19 eram professores, um atuava em nível estratégico e os outros onze eram de nível operacional, sendo que 13 já trabalhavam em escola pública há mais de doze anos, quatro trabalhavam lá entre

nove e doze anos, onze trabalhavam nesse meio de seis a nove anos e três trabalhavam há menos de seis anos, também 18 deles trabalhavam acima de oito horas, nove entre seis e oito horas e quatro trabalhavam menos de seis horas por dia.

Em relação aos que apresentaram um nível de felicidade maior que 80%, foram encontradas 19 mulheres e dois homens, sendo três deles com menos de 35 anos de idade, nove na faixa etária de 35 a 50 anos e os outros nove tendo mais de 51 anos, cujos estados civis eram bem mistos, ou seja, temos uma pessoa viúva, nove solteiras, três divorciadas e oito casadas. O mesmo acontece em relação à zona onde a pessoa vive, sete eram da Zona Norte, quatro da Zona Oeste, seis da Baixada Fluminense e quatro de outras zonas do Rio de Janeiro. Aqui, doze eram professoras, seis atuam em funções estratégicas e três em função operacional. 15 dessas pessoas trabalhavam há mais de nove anos em escolas públicas, e as outras seis trabalhavam há menos de nove anos nesse meio. Por fim, sete delas trabalhavam acima de oito horas por dia, onze entre seis e oito horas e três entre quatro e seis horas por dia.

Também foi avaliado o nível de felicidade em relação a cada uma das questões. O resultado encontra-se a seguir, na Tabela 2, tanto com a média total pontuada em cada questão quanto com o seu nível percentual. Vale destacar que, para melhor compreensão do texto, as afirmações negativas foram transcritas nesse quadro para a sua forma positiva. Isso porque os dados foram pontuados de maneira reversa, conforme descrito na parte de método da pesquisa. Também é importante chamar atenção para o fato de que cada questão era pontuada com valores de um (discordo totalmente) a cinco (concordo totalmente), portanto, a maior média de nível de felicidade possível é cinco e a menor é um.

Tabela 2 – Média do nível de felicidade coletado em cada afirmação

Afirmação	Média do nível de felicidade	Percentual médio do nível de felicidade
Viver é bom	4,54	88,50%
Eu me divirto com outras pessoas	4,23	80,75%
Eu encontro beleza em algumas coisas	4,20	80,00%
Eu, particularmente, tenho memórias felizes do passado	4,06	76,50%
Eu sinto que eu tenho uma ótima energia	4,02	75,50%
Eu estou sempre comprometido e envolvido	4,01	75,25%
Eu tenho um senso particular de significado e propósito em minha vida	3,84	71,00%
Eu acho que o mundo seja um bom lugar	3,81	70,25%
Eu sempre gero um efeito de alegria nos outros	3,77	69,25%
Eu rio muito	3,75	68,75%
Eu sou muito feliz	3,72	68,00%
Eu sinto que a vida é muito recompensadora	3,71	67,75%
Eu me sinto totalmente alerta	3,68	67,00%
Eu, particularmente, me sinto saudável	3,68	67,00%
Eu me sinto particularmente satisfeito com o jeito que eu sou	3,64	66,00%
Eu sou intensamente interessado em outras pessoas	3,57	64,25%
Eu sinto que estou no controle da minha vida	3,49	62,25%

Eu me sinto apto à enfrentar qualquer coisa	3,48	62,00%
Eu acho que pareço atrativa	3,41	60,25%
Eu consigo fazer tudo o que eu tento	3,38	59,50%
Eu frequentemente experimento alegria e euforia	3,22	55,50%
Eu estou bem satisfeito sobre tudo na minha vida	3,17	54,25%
Eu geralmente consigo ter vantagem nas situações que ocorrem	3,05	51,25%
Eu acho que a maioria das coisas são engraçadas	2,93	48,25%
Tudo o que eu gostaria de fazer eu já fiz	2,86	46,50%
Eu tenho me sentido muito animado com quase todo mundo	2,79	44,75%
Eu, particularmente, estou otimista sobre o futuro	2,72	43,00%
Eu acho fácil tomar decisões	2,62	40,50%
Eu raramente acordo me sentindo cansado	2,54	38,50%

Elaborado pela autora.

Percebe-se que nenhuma das afirmativas tiveram média inferior a 2,5, isto é, inferior a 37,5% de nível de felicidade. Entre o intervalo de 37,5% e 50% de nível de felicidade encontram-se seis afirmativas, são elas: “Eu tenho me sentido muito animado com quase todo mundo”; “Eu raramente acordo me sentindo cansado”; “Eu, particularmente, estou otimista sobre o futuro”; “Eu acho que a maioria das coisas são engraçadas”; “Tudo o que eu gostaria de fazer eu já fiz”; e “Eu acho fácil tomar decisões”. Entre o intervalo de 75% e 90% de nível de felicidade encontram-se, também, seis afirmativas, são elas: “Eu estou sempre comprometido e envolvido”; “Viver é bom”; “Eu encontro beleza em algumas coisas”; “Eu sinto que eu tenho uma ótima energia”; “Eu me divirto com outras pessoas”; e “Eu, particularmente, tenho memórias felizes do passado”. Nenhum dos resultados teve nível de felicidade maior que 90%. Na seção a seguir serão discutidos os resultados aqui mencionados.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão discutidos de forma detalhada e comparativa os resultados encontrados nas respostas da pesquisa.

Foi notório nos resultados a forte representatividade feminina em meio aos profissionais de escolas públicas do Rio de Janeiro. Além disso, também foi possível observar o fato de a presença masculina ser mais comum nos grupos mais jovens. Conforme apresentado por Rabelo e Martins (2010), isso ainda é reflexo histórico do Brasil pós abolição do trabalho escravo, cujo cenário impulsionou a industrialização e fez surgir a necessidade de uma mão de obra assalariada que, por sua vez, precisava ser qualificada / especializada. Logo no início do século XX houve uma pressão para que a educação chegasse a todos e, para isso, o governo decidiu incentivar uma mão de obra que era mais barata e que tinha uma vocação, uma feminilidade, para exercer essa função: a das mulheres (RABELO; MARTINS, 2010).

Apesar da forte representatividade feminina na educação, em funções de nível estratégico (posições mais altas nas estruturas organizacionais das escolas) existe uma desproporcionalidade entre homens e mulheres. Isso revela uma diferença de oportunidades entre gêneros, uma vez que a pesquisa foi fortemente caracterizada por mulheres e apenas em cargos mais altos essa diferença é mais fraca.

Ainda sobre os dados demográficos, indivíduos com menos de 24 anos não ocupavam função de nível estratégico. A quantidade de profissionais de nível estratégico aumentava de acordo com a faixa etária, sendo ainda mais significativo na parcela dos respondentes que possuíam mais de 51 anos de idade. Também aumentava conforme o tempo de empresa do indivíduo. No caso da pesquisa, ele só começa a aparecer no grupo de pessoas que trabalhavam em escola entre seis e nove anos. Mas de forma expressiva é só com relação àqueles que trabalhavam mais de nove anos em escola.

Com relação a jornada de trabalho, foi visto que quanto maior a faixa etária, maior as horas diárias que a pessoa dedica ao trabalho. Outro ponto é que professores e funcionários de nível estratégico (especialmente esse segundo) são os perfis que mais trabalham num período maior do que oito horas por dia. Isso, provavelmente, deve estar atrelado ao nível de responsabilidade que estes assumem nas escolas. Vale chamar atenção ao fato de que a longa jornada de trabalho dos professores é considerada um dos estímulos ao surgimento da

síndrome de burnout em professores, uma vez que quanto maior o número de horas trabalhadas, maior é a exaustão emocional desse profissional (CARLOTTO; PALAZZO, 2006) e, também, diminui o sentimento de realização com o trabalho (CARLOTTO, 2011).

O nível operacional representa mais da metade das pessoas que trabalham entre seis e oito horas por dia (dentro do que é estabelecido por lei). Isso pode ser explicado pelo fato desse nível exercer atividades mais específicas e operacionais, cuja prática está atrelada ao seu horário fixo de trabalho. Enquanto isso, os profissionais do nível estratégico não trabalham menos de seis horas por dia.

Entrando nos resultados obtidos sobre o nível de felicidade, os dados demográficos quase não revelaram diferenças entre os grupos da amostra. Os pontos que tiveram destaque têm a ver com o fato de que viúvos (ainda que representem uma parcela bem pequena da amostra) e profissionais que exercem funções estratégicas são mais felizes. Enquanto os demais grupos mantiveram-se dentro da média geral, com exceção das pessoas que atuam em funções operacionais que são menos felizes se comparadas à média.

Dentre as afirmações, a que teve a menor média pontuada é a que questiona sobre o cansaço da pessoa. Esta obteve a menor pontuação média e pode apresentar um indício de exaustão emocional e pré-disposição para o desenvolvimento de síndrome de *burnout* nesse meio. Em contraste a isso, curiosamente a afirmação com maior média é a de que “Viver é bom”, o que leva a perceber que apesar de todas as frustrações, as pessoas ainda consideram que viver é bom e são felizes.

Além disso, foi possível perceber alguns pontos um pouco contraditórios no texto. Por exemplo, ao mesmo tempo em que afirmações como “Eu tenho me sentido muito animado com quase todo mundo” e “Eu acho que a maioria das coisas são engraçadas” tiveram uma média baixa, as afirmações “Eu sempre gero um efeito de alegria nos outros” e “Eu me divirto com outras pessoas” tiveram uma pontuação alta. Aqui, o curioso é que as pessoas não se sentem tão animadas com as outras e também não acham muitas coisas engraçadas mas, apesar disso, elas demonstram ter empatia/preocupação com o outro, uma vez que alegam conseguir se divertir com as outras pessoas e também fazê-las alegres. Isso leva a crer que, para as pessoas, a capacidade de elas fazerem as outras alegres e se divertirem pode ser mais relevante para a sua felicidade pessoal do que a sua própria capacidade de ser alegre e se divertir com algo que outra pessoa faça.

Um último aspecto que se mostrou contraditório foi que boa parte dos respondentes sempre acordam se sentindo cansados, mas, apesar disso, eles continuam se sentindo saudáveis e com uma ótima energia/disposição. Também é curioso que mesmo se sentindo cansadas, as pessoas continuam tendo disposição para o trabalho e outros afazeres, o que pode revelar um nível de comprometimento delas com suas responsabilidades, também visto na afirmação do questionário onde as pessoas se enxergam comprometidas e envolvidas com aquilo que fazem. Segundo Carlotto e Câmara (2008), no caso dos professores, essa contradição pode ser explicada pela:

(...) herança histórica do surgimento da profissão, ligada à vocação, doação e abnegação, ainda se faz presente nos dias de hoje, impedindo o reconhecimento de vários aspectos relacionados ao trabalho, entre eles os fatores de estresse, que afetam a saúde mental desta categoria profissional.

Por fim, um dos principais pontos percebidos nesta pesquisa é que, apesar dos inúmeros estudos apontarem um alto grau de insatisfação – por exemplo, Lopes e Pontes (2009) e Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) – e exaustão – por exemplo, Carlotto (2002), Lopes e Pontes (2009) e Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) – no perfil do professor por conta do nível de estresse ao qual ele é submetido, não foi possível perceber nenhum índice de que eles se sentiam tão menos felizes ou tão mais estressados que os profissionais de nível estratégico e operacional. Além de que os níveis de felicidade desse perfil se mantiveram altos. Isso só reforça a importância de haver uma diferenciação entre o conceito de felicidade e outros que, geralmente, são relacionados a ele, como por exemplo bem-estar e satisfação.

6. CONCLUSÕES

O intuito desta pesquisa foi verificar o nível de felicidade em profissionais de escolas públicas do Rio de Janeiro usando uma medida específica de felicidade. A importância de ser uma medida específica é um reflexo do histórico de estudos sobre o tema felicidade no trabalho, os quais acabam dando ao tema uma conceito “guarda-chuva”, isto é, que abrange conceitos como satisfação, realização, bem-estar e prazer no trabalho, por exemplo.

Como resultado, foi observado que o nível de felicidade médio desses profissionais é médio, indicando que eles são felizes. Comparando o nível de felicidade dos professores com as demais funções, notou-se que este era menor em relação aos cargos de nível estratégico e maior em relação aos de nível operacional. Isso reforça a importância de existirem mais estudos sobre a situação de trabalho dos profissionais de nível operacional em escola públicas e não só o de professores.

Em relação aos subgrupos criados a partir dos dados demográficos, eles não mostraram diferença significativa no nível de felicidade. Exceto o subgrupo de pessoas cujo estado civil é de viúvo(a) que apresentou um nível de felicidade acima da média, o que pode ser explicado pelo fato deste ser um pequeno número de sujeitos da amostra.

Percebeu-se, também, que os resultados dos professores apresentaram um nível médio de felicidade. Sendo interessante o fato de que esse resultado contrasta com outras construções que apontam esse perfil como sendo um com alto nível de insatisfação e exaustão.

O estudo teve como limitação a quantidade de escolas do Rio de Janeiro onde as pesquisas foram aplicadas e a ausência de diferenciação entre os funcionários da rede pública municipal, estadual e federal.

Como futuras pesquisas sugere-se a criação de uma medida específica de felicidade no trabalho, tendo em vista que a empregada não contextualizava felicidade. Também, um estudo que correlacione outras variáveis do ambiente de trabalho, como prazer, satisfação, síndrome de *burnout* ou exaustão profissional, realização e bem-estar, com a felicidade de um indivíduo para verificar o quanto o ambiente de trabalho é capaz de influenciar nesse sentimento. Além disso, sugere-se que essas mesmas variáveis sejam correlacionadas em outros profissionais de escolas públicas e não apenas os professores. Por último, um estudo capaz de identificar quais

elementos do ambiente de trabalho influenciam nos aspectos positivos e negativos refletidos no nível de felicidade de um indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A.S.; TRÓCOLLI, B.T. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.20, n.2, p.153-164, 2004.
- BENDASSOLLI, P.F. Fator Humano: Felicidade e trabalho. **GV Executivo**, v.6, n.4, 2007.
- BOEHM, J.K.; LYUBOMIRSKY. Does Happiness Promote Career Success? **Journal of Career Assessment** v.16, n.1, p.101-116, 2008.
- CARLOTTO, M.S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, v.7, n.1, p.21-29, 2002.
- CARLOTTO, M.S. Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.27, n.4, p.403-410, 2011.
- CARLOTTO, M.S.; CÂMARA, S.G. Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores de escolas públicas e privadas. **Psicologia da Educação**, n.26, p.29-46, 2008.
- CARLOTTO, M.S.; PALAZZO, L.S. Síndrome de *burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Cad. Saúde Pública**, v.22, n.5, p.1017-1026, 2006.
- CAVAZOTTE, F.S.N.; LEMOS, A.H.C.; VIANA, M.D.A. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? **Cadernos EBAPE.BR**, v.10, n.1, o.162-180, 2012.
- ESTEVEZ-FERREIRA, A.A.; SANTOS, D.E.; RIGOLONM R.G. Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de burnout em professores de escolas públicas e privadas. **Revista Brasileira de Educação**, v.19, n.59, 2014.
- FERREIRA, M.C.O.; SILVA, A.P.C.E.O.; FERNANDES, H.A.; ALMEIDA, S.P. Desenvolvimento e validação de uma Escala de Afetos no Trabalho (ESAFE). **Avaliação Psicológica**, São Paulo, v.7, n.2, p.143-150, 2008.
- FISCHER, C.D. Happiness at work. **International Journal of Management Reviews**, v.12, n.4, p.384-412, 2010.
- HILLS, P.; ARGYLE, M. The Oxford Happiness Questionnaire: a compact scale for the measurement of psychological well-being. **Personality and Individual Differences** v.33, p.1073-1082, 2002.
- JENKINS, S.; DELBRIDGE, R. In pursuit of happiness: A sociological examination of employee identifications amongst a 'happy' call-centre workforce. **Organization**, vol. 21, 6: pp. 867-887, 2013. **Personality and Individual Differences**, v.33, n.7, p.1073-1082, 2002.
- LOPES, A.P.; PONTES, E.A.S. Síndrome de Burnout: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, V.13, n.2, 2009.

LYUBOMIRSKY, S.; SHELDON, K.M.; SCHKADE, D. Pursuing happiness: The architecture of sustainable change. **Review of General Psychology**, v.9, n.2, p.111-131, 2005.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Construção e validação da Escala de Bem-estar no Trabalho. **Avaliação Psicológica**, São Paulo, v.7, n.1, p. 11-22, 2008.

PENDSE, M.; RUIKAR, S. The Relation between Happiness, Resilience and Quality of Work Life and Effectiveness of a Web-Based Intervention at Workplace. **Journal of Psychosocial Research**, v.8, n.2, p.189-197, 2013.

RABELO, A. O.; MARTINS, A. M. A mulher no magistério brasileiro: Um histórico sobre a feminização do magistério. **In Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Anais dos trabalhos Colubbe 2010** (pp. 6167-6176). Aveiro: FCT, 2010.

SANT'ANNA, L.L.; PASCHOAL, T.; GOSENDO, E.E.M. Bem-estar no trabalho: relações com estilos de liderança e suporte para ascensão, promoção e salários. **Rev. adm. contemp.**, vol.16, no.5, p.744-764, outubro, 2012.

SENDER, G.; FLECK, D. As Organizações e a Felicidade no Trabalho: Uma Perspectiva Integrada. **Rev. adm. contemp.**, vol.21, no.6, p.764-787, novembro, 2017.

SEWAYBRICKER, L.E. A atual relação entre homem e trabalho: (im)possibilidade para a eudaimonia. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 1, n. 2, p. 162-184, julho-dezembro, 2010.

SIQUEIRA, M.M.M.; PADOVAM, V.A.R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.24, n.2, p.201-209, Brasília, 2008.

SILVA, N.; TOLFO, S.R. Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações. **Rev. Psicol., internOrgan. Trab.**, vol.12, no.3, p.341-354, dezembro, 2012.

ROCHA, F.S.; PORTO, J.B. Bem-estar no trabalho: um estudo sobre suas relações com clima social, coping e variáveis demográficas. **Rev. adm. contemp.**, vol.16, no.2, p.253-270, abril, 2012.

SORAGGI, F.; PASCHOAL, T. Relação entre bem-estar no trabalho, valores pessoais e oportunidades de alcance de valores pessoais no trabalho. **Estud. pesqui. psicol.**, vol.11, no.2, p.614-632, agosto, 2011.

SPICER, A.; CEDERSTROM, C. The research we've ignored about happiness at work. **Havard Business Review**, 2015.

VASCONCELOS, A.F. Felicidade no ambiente de trabalho: exame e proposição de algumas variáveis críticas. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 10, n. 1, p. 1-18, janeiro-fevereiro, 2004.

WALSH, L.C.; BOEHM, J.K.; LYUBOMIRSKY, S. Does Happiness Promote Career Success? Revisiting the Evidence. **Journal of Career Assessment**, v.26, n.2, p.199-219, 2018

ANEXO I

Questionário Oxford de Felicidade

Este questionário é uma tradução do Instrumento Oxford de Felicidade revalidado em 2002 por Peter Hills e Michael Argyle.

Não há resposta certa ou errada. O que importa é a sua opinião sincera. Você não será identificado porque os dados serão analisados de forma conjunta.

INSTRUÇÕES

- 1- Abaixo estão enumeradas algumas afirmações sobre felicidade. Você poderia, por favor, indicar o quanto concorda ou discorda de cada uma delas de acordo com a sua respectiva legenda.
- 2- Você vai precisar ler as afirmações com atenção porque algumas são frases positivas e outras negativas – marcadas por “(-)”.
3- Não existe resposta “certa” ou “errada” e nem pegadinha nas questões.
- 4- A primeira resposta que vem a sua cabeça é provavelmente a correta para você.
- 5- Se você achar alguma questão difícil, por favor dê a resposta que é, geralmente ou na maior parte do tempo, a verdadeira para você.
- 6- Ao responder, pense como se sente no ambiente em que trabalha

01. (-) Eu não me sinto particularmente satisfeito com o jeito que eu sou
02. Eu sou intensamente interessado em outras pessoas
03. Eu sinto que a vida é muito recompensadora
04. Eu tenho me sentido muito animado com quase todo mundo
05. (-) Eu raramente acordo me sentindo descansado
06. (-) Eu, particularmente, não estou otimista sobre o futuro
07. Eu acho que a maioria das coisas são engraçadas
08. Eu estou sempre comprometido e envolvido
09. Viver é bom
10. (-) Eu não acho que o mundo seja um bom lugar
11. Eu rio muito
12. Eu estou bem satisfeito sobre tudo na minha vida

13. (-) Eu não acho que pareço atrativa
14. (-) Existe uma distância entre o que eu gostaria de fazer e o que eu já fiz
15. Eu sou muito feliz
16. Eu encontro beleza em algumas coisas
17. Eu sempre gero um efeito de alegria nos outros
18. Eu consigo fazer tudo o que eu tento
19. (-) Eu sinto que não estou no controle da minha vida
20. Eu me sinto apto à enfrentar qualquer coisa
21. Eu me sinto totalmente alerta
22. Eu frequentemente experimento alegria e euforia
23. (-) Eu não acho fácil tomar decisões
24. (-) Eu não tenho um senso particular de significado e propósito em minha vida
25. Eu sinto que eu tenho uma ótima energia
26. Eu geralmente consigo ter vantagem nas situações que ocorrem
27. (-) Eu não me divirto com outras pessoas
28. (-) Eu, particularmente, não me sinto saudável
29. (-) Eu, particularmente, não tenho memórias felizes do passado